



Ação sindical

Campanha Salarial
tem primeira
reunião

PÁGINA 3

Ação sindical

Elton Damásio



Dirigente sindical
é reintegrada

PÁGINA 5

Fenaj Sul

Sindicatos
do Sul iniciam
ação conjunta

PÁGINA 6

Sangue Novo

Everson Bressan



Novos talentos
recebem prêmios

PÁGINAS 8 e 9

A responsabilidade pessoal do jornalista



"A questão ambiental deveria ser o centro e o ponto de partida de todas as políticas públicas e de todos os planejamentos privados. Os jornalistas devem mostrar isso à sociedade e levá-la a exigir soluções de seus governantes"

"O jornalista, no exercício da sua profissão, tem uma responsabilidade diferenciada, que não é a responsabilidade da empresa. Faz escolhas que dependem exclusivamente dele, não da empresa, nem do governo, nem da legislação. No seu cotidiano, ele depara o tempo todo com questões como o que fazer e o que não fazer, o que publicar e o que não publicar, o que destacar e o que não destacar. Com isso influencia os rumos da sociedade."
Palavras de Washington Novaes, em entrevista publicada nesta edição.

PÁGINAS 12 e 13



editorial

Uma relação nada honesta

Em agosto, o Sindicato dos Jornalistas lançou uma pesquisa sobre a postura dos meios de comunicação em relação às eleições para governador no Paraná. O resultado foi óbvio. A maioria absoluta (59%) votou na opção que afirma que a cobertura da imprensa regional é “vergonhosa, ditada pelos interesses comerciais e políticos dos proprietários dos meios de comunicação”. Para 36%, é parcial, com leve favorecimento para alguns candidatos. Só 5% acreditam na imparcialidade des-

ses veículos.

Justamente por apontar para um resultado óbvio, muitas pessoas questionaram a iniciativa do Sindicato: “por que fazer uma pesquisa cujo resultado já sabemos?” É verdade. Nós, jornalistas, conhecemos essa realidade. Mas não é por isso que devemos aceitá-la como normal. É preciso ter consciência de que essa relação promíscua de empresários com grupos políticos é uma grande ameaça à democracia. Afinal, o poder dos meios de comunicação é incontestável

e, estando a serviço de uma minoria, pode causar danos para a maioria. Muitos são os exemplos dessas tragédias, mas citar a eleição de Fernando Collor é suficiente.

Os danos, porém, não param por aí. A pressão patronal que leva ao desrespeito à ética do jornalismo, em favor dos lucros e das negociações políticas, também representa um ataque humilhante à dignidade profissional dos jornalistas. Afinal, para a população, transparece a idéia de que os culpados

por essa deturpação são os profissionais, e não os proprietários.

É por essas razões, e por muitas outras, que os jornalistas precisam denunciar o jogo nada honesto feito por donos de meios de comunicação e seus amigos políticos. O jornal do Sindicato sempre foi o canal para esse assunto. Mas não é o suficiente. É necessário levar esse protesto para todos os segmentos da sociedade. Faça sua parte. Denuncie.

Veja o resultado da pesquisa no www.sindijorpr.org.br

publicidade

Publicidade cai ainda mais em 2002

Já em recuo em 2001, o mercado da publicidade continua o seu recesso tendo como pano de fundo a crise de confiança dos consumidores nos Estados Unidos e das incertezas em relação ao crescimento. No Brasil, que sofre a influência dos Estados Unidos, mercado dominante, e com o pânico nos mercados financeiros que vêm ocorrendo desde o mês de junho, a situação não deve ser diferente.

A publicidade nos países mais industrializados está atravessando um segundo ano difícil, segundo o jornal francês *Le Monde*. Num folheto de apresentação, o grupo norte-americano de comunicação Omnicom lembrava recentemente que “2001 foi o pior ano na publicidade e no marketing desde 1938”.

Porém, 2002 pode ser pior ainda, afirma o jornal francês. Agências, anunciantes e analistas devem reconhecer: a crise do mercado publicitário que começou no segundo trimestre de 2001 pode se prolongar ao longo deste ano em todo o mundo. Um leve aumento dos investimentos no final do ano de 2001, que levou a acreditar algum tempo que uma reativação rápida era possível, logo mostrou que não tinha consistência.

Segundo previsões da Zenith Optimedia, quinta central de compra na mídia mundial com 17,1 bilhões de dólares (cerca de R\$ 51 bilhões) aplicados

nos meios de comunicação em 2001, os investimentos na mídia devem atingir, em 2002, 302 bilhões de dólares, ou seja, uma diminuição de 0,5% em relação a 2001 (aproximadamente 910,9 milhões de reais) e mais de 4% em relação a 2000 (cerca de R\$ 946,8 milhões). Todos os principais mercados publicitários devem conhecer um recuo dos investimentos na mídia, em 2002.

Com US\$ 138,68 bilhões, a América do Norte absorve perto da metade dos investimentos (45,92% dos gastos mundiais), bem à frente da Europa (23,66%, com US\$71,48 bilhões) e da Ásia-Pacífico (21,24%, com US\$64,13). Os outros mercados, como a América Latina, nem sequer são mencionados pela Zenith Optimedia, porque ficam bem atrás.

Pulmões do mercado mundial, os Estados Unidos teriam assim seus investimentos em retrocesso de 1,2%, queda que pode ser compensada pelos investimentos fora da mídia (marketing direto e publicidade nos locais de venda). Na Europa, o Reino Unido (-1,3%) e a França (-1%) atravessam um recuo semelhante ao dos Estados Unidos. Só a Alemanha, principal mercado europeu, vive um leve crescimento na sua economia. Na Ásia, a má saúde do mercado japonês (-2,9% previstos para 2002) se opõe fortemente ao dina-

o mesmo dos mercados emergentes como a China (+9,8% projetados).

A televisão continua sendo, segundo as estimativas da Zenith Optimedia, a mídia preferida pelos anunciantes (US\$116,64 bilhões, 39,4%), à frente dos jornais (US\$93,74 bilhões, 31,7%) e das revistas (12,2%, US\$36,14 bilhões), do rádio (US\$28,21 bilhões, 9,5%) e do outdoor (US\$17,68 bilhões, 6%).

Segundo os resultados semestrais publicados nas últimas semanas pelos grupos publicitários, enquanto em 2001, num mercado mundial em recuo de cerca de 4%, um bom número de grandes grupos tiveram um crescimento positivo no ano (Omnicom, Publicis, Dentsu, Havas), raros são aqueles que apresentaram resultados favoráveis em meados de 2002.

“Os clientes de publicidade estão em situação de expectativa, com pouca visibilidade do seu mercado”, explica o presidente de uma central de mídia francesa. “Mas não estamos em situação de recessão econômica. O consumo, por exemplo, continua alto”, tempera Stéphane Martin, diretor do Sindicato Nacional de Publicidade na Televisão da França.

A timidez dos investimentos é apenas econômica e ocorre num contexto muito afetado psicologicamente, segundo os especialistas. Os escândalos de manipu-

lação das contas de empresas gigantes como a Enron e a Worldcom, ocorridos no momento em que a máquina parecia reengrenar, tiveram influência nesta crise de confiança dos anunciantes. E, indiretamente, na baixa dos investimentos. Esse temor é alimentado, também, pelos sobressaltos diários de Wall Street e pela impressão de grande volatilidade do mercado. “É basicamente uma crise de confiança no sistema, não na eficácia da publicidade”, explica um especialista.

A maioria dos donos de grandes grupos de comunicação acham possível um retorno ao crescimento em 2003, e até em 2004, mas não antes. Uma opinião compartilhada pelos analistas financeiros que, do Fortis Bank à Merrill Lynch, pensam que o mercado declinará em 2002 e terá um crescimento limitado em 2003. “A publicidade funciona por ciclos”, explica Adam Smith na Zenith Optimedia, e acrescenta que é impossível saber o fim deste período de crise, pois “a situação atual é economicamente atípica. Há uma dicotomia entre uma demanda dos consumidores que continua firme e empresas que obtêm lucros baixos. Acredito que caminhamos para um longo período de pequenos ajustes”, isto é, de expectativa.

expediente

Extra Pauta é órgão de divulgação oficial da gestão Extra Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140. Fone/Fax (041) 224-9296. E-mail: sindijor@sindijorpr.org.br

Jornalista Responsável
Mário Messagi Júnior
Reg. prof. 2963/11/1012

Redação
Casemiro Linarth
casemirolinarth@bol.com.br
Colaboraram nesta edição

Alexandre Palmar, Marcelo Lima, Rogério Galindo, Sílvio Rauth Filho, Cida Mondini, Rosane Henn e Flávio Pedron

Fotografias
Everson Bressan, Elton Damásio, Sílvio Rauth Filho, Juliana Bianco, Dennis Ferreira Netto, Hedeson Silva, Robson Meireles
Ilustrações
Simon Taylor

Edição Gráfica
Leandro Taques
Tiragem
3.000 exemplares

As matérias deste jornal podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Não são de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não representarem, necessariamente, a opinião de sua diretoria.



ação sindical

Campanha Salarial tem primeira reunião após entrega da pauta

Os Sindicatos dos Jornalistas Profissionais do Paraná e de Londrina e os representantes dos sindicatos patronais realizaram no dia 21 de agosto reunião de negociações da Campanha Salarial 2002/2003. Foi a primeira após a entrega da pauta de reivindicações dos jornalistas aos patrões. A negociação entre as partes, porém, vem sendo realizada desde abril.

O ponto positivo da reunião foi que, ao contrário dos anos anteriores, os Sindicatos das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas e das Empresas de Rádio e Televisão sinalizaram que não pretendem excluir nenhum direito dos jornalistas. O lado negativo foi que os representantes dos sindicatos patronais disseram que neste ano não será possível dar o reajuste integral e imediato da inflação,

que segundo estimativa do Departamento Intersindical de Economia e Estatística (Dieese) completará 9% em outubro, data-base da categoria. A intenção patronal é, no reajuste, dar uma parte desses 9% e complementar a outra parte com benefícios, como a Participação nos Lucros e Resultados (PLR).

Na primeira reunião de negociação também foram debatidas questões relativas a incentivos à formação. Os representantes patronais se mostraram acessíveis à discussão de um auxílio das empresas aos jornalistas que pretendem fazer cursos de pós-graduação ou aperfeiçoamento e à fixação de um mínimo de horas

que cada empresa deverá destinar ao treinamento de seus funcionários. Na reunião não se falou em números nem foi feita nenhuma proposta concreta.

Pauta de reivindicações

A pauta de reivindicações que os Sindicatos dos Jornalistas do Paraná e de Londrina encaminharam aos sindicatos patronais inclui, pela primeira vez, a reivindicação de um comissionamento de 30% para subeditor. Hoje o benefício só é previsto para editores e demais

cargos de chefia. Outra novidade é a possibilidade de as empresas substituírem o anuênio por um plano de cargos e salários que seja aprovado pelo sindicato e que garanta

critérios de ascensão por tempo e por mérito.

Temas discutidos nas negociações entre os sindicatos de jornalistas e o sindicato patronal, de abril até julho, serviram como base para algumas cláusulas. Um exemplo são as reivindicações para incentivar a formação profissional, como liberação de 20 horas/ano para o jornalista participar de eventos da área, auxílio educação de 80% da mensalidade do curso e adicional de 10% para especialistas, 20% para mestres e 30% para doutores.

Cláusulas de direito autoral, tema também debatido nas negociações, foram incluídas na pauta. Uma delas prevê que 50% do dinheiro arrecadado na venda de material jornalístico seja destinado ao autor, estabelecendo também um valor mínimo para esse pagamento.

Principais reivindicações

- reajuste de 9%
- aumento real de 5% a título de produtividade
- vale-refeição
- comissionamento de 40% para editor

Sindicatos promovem seminário sobre PLR

A Participação nos Lucros e Resultados (PLR) é boa para os trabalhadores, desde que não seja adotada para substituir a produtividade ou parte dos salários. Estas posições foram defendidas pelo economista Cid Cordeiro, do Departamento Intersindical de Economia e Estatística (Dieese), e pelo advogado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Sidnei Machado, no seminário sobre o tema que os Sindicatos dos Jornalistas do Paraná e de Londrina e o Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Paraná realizaram no dia 17 de julho no Senac, em Curitiba.

O seminário foi aberto com a explanação do representante do sindicato patronal, advogado Carlos Roberto Ribas Santiago. Ele disse que a PLR visa a integração entre o capital e o trabalho. "Os trabalhadores passam a entender melhor a empresa quando participam de seus lucros e resultados", afirmou. Segundo ele, condições fundamentais para a sua implantação numa empresa são regras claras e a periodicidade. De acordo com a lei, ela não pode ser inferior a um semestre nem ser adotada mais de duas vezes por ano.

Para o advogado do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, Sidnei Machado, a PLR é um velho sonho dos trabalhadores. Com a Constituição de 1988, ela passou a ser um direito so-

Elton Damásio



Da esquerda para a direita, Cid Cordeiro, René Lopes, Carlos Roberto Santiago, Sidnei Machado, Sônia Maria Barcellos Siqueira e Edmar Gualberto

cial. Embora esteja na Constituição desde 1946, só foi regulamentada em 1994, no governo Itamar Franco, por uma medida provisória, pondo fim às políticas salariais. Segundo ele, a PLR não pode substituir a remuneração. "As empresas praticam fraude quando dão participação para substituir os salários", destacou.

Cid Cordeiro, do Dieese, ressaltou que a PLR é mais um elemento na negociação coletiva e é adotada principalmente pelas grandes empresas. Ele observou que hoje a PLR está substituindo a produtividade, "o que é muito ruim". Segundo ele, a PLR é um complemento, e não substitui a produtividade. Havendo a substituição, o trabalhador sai perdendo a longo prazo.

O economista do Dieese também afirmou que, no meio do caminho, houve desvios na implantação da PLR e um desvirtuamento do seu conceito inicial. Segundo ele, as empresas não devem, com a PLR, olhar apenas a qualidade do produto, mas também a qualidade do ambiente e das condições de trabalho. Cid Cordeiro concluiu sua explanação dizendo que, "como no Brasil os salários são muito baixos, é preciso tomar cuidado com a adoção da PLR". A sua implantação deve sempre visar a melhoria da remuneração do trabalhador.

Em seguida, o diretor de recursos humanos da Volvo, Edmar Gualberto, discorreu sobre a experiência de participação dos empregados nos lucros e resultados de sua empresa. Ele disse que a

Volvo vem aprimorando o sistema com o passar dos anos e que as metas têm que ser muito claras para o trabalhador. "A PLR tem que estar inserida na realidade de cada empresa, pois cada uma delas tem os seus aspectos específicos", observou.

Antes, havia na Volvo uma PLR igual para todos os funcionários. Hoje, ela é aplicada de acordo com os resultados de cada área. As metas são estabelecidas no início do ano e discutidas entre as chefias e os funcionários. Segundo Edmar Gualberto, os funcionários recebem a PLR em três planos: segundo o resultado geral da empresa, segundo os indicadores próprios de cada setor e de acordo com a performance individual. Existe no salário uma parte fixa e outra flexível.

René Lopes, diretor de recursos humanos da Bosch, encerrou o seminário dizendo que sua empresa trabalha com indicadores gerais, como acidentes, falta coletiva ao trabalho, defeito interno, defeito externo, grau de eficiência e qualidade. "É enfocada mais a questão da produção", destacou.

No debate com os conferencistas, jornalistas presentes ao seminário ressaltaram que é difícil estabelecer medidas para avaliar o trabalho numa empresa de comunicação, como ocorre em toda a área de ciências humanas.



ação sindical

Gazeta Mercantil do Paraná volta a atrasar salários

Os jornalistas da sucursal da Gazeta Mercantil do Paraná ainda não receberam os salários de julho e os de junho foram pagos com cinco dias de atraso. Os adiantamentos de salário de junho, que normalmente são pagos no dia 20, vieram com dez dias de atraso. Além disso, os funcionários da Gazeta Mercantil não receberam os vales-refeição nem em julho nem em agosto.

Nos últimos meses, a Gazeta Mercantil está fazendo um pagamento escalonado por faixa salarial: os salários menores são pagos antes, e os maiores depois. "Os atrasos estão complicando a vida tanto dos jornalistas que permaneceram na empresa após as demissões de outubro do ano passado

como dos que entraram depois, e têm dívidas a pagar", queixa-se um dos repórteres. "E o pior é que não existe por parte da empresa nenhuma promessa de que a situação seja resolvida."

Os jornalistas mais antigos da sucursal da GZM são os que se encontram em situação mais delicada, pois, totalizando o que têm a receber, estão com quatro salários atrasados. Ainda não receberam o salário de outubro, o 13º, e de novembro até março deste ano receberam apenas meio salário. Quem tirou férias neste período também não recebeu integralmente. No ano passado, a direção da empresa havia prometido que a dívida com os jornalistas mais antigos da sucursal seria paga parceladamente, até

a sua quitação, mas isso não ocorreu.

O Sindicato está acompanhando o caso e vai tomar as medidas necessárias para garantir os direitos dos jornalistas.

Sai Thompson-Flores

Os atrasos de salários também estão ocorrendo na sede do jornal, em São Paulo. Eles coincidem com a saída de Sérgio Thompson-Flores da presidência da GZM, no dia 9 de agosto, que volta para as mãos de Luiz Fernando Levy. Em comunicado que enviou por e-mail aos funcionários do jornal, publicado pelo portal *Comunique-se*, o executivo diz que agora o diário entra em nova fase. Ele afirma que a reestruturação operacional conti-

nua sendo implementada pela WorldInvest, do próprio Thompson-Flores, e terá fim com "a entrada de novos sócios e, com estes, dos recursos necessários para adequar a estrutura financeira da empresa". Além do *Financial Times*, a Gazeta estaria negociando sociedade com a direção do *Estado de S. Paulo*.

Para Fred Ghedini, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, com Thompson-Flores havia perspectiva de recolocar a empresa em boas condições financeiras. Ele diz estar temeroso com a nova situação, pois o mercado publicitário anda mal e os problemas anteriores com demissões e atrasos de salários não foram resolvidos.

Gazeta do Povo desrespeita jornalistas e falta a audiência no Ministério Público

A Editora Gazeta do Povo Ltda. faltou dia 20 de maio à audiência no Ministério Público do Trabalho (MPT), em Curitiba, para esclarecer a inexistência de cartão-ponto para os jornalistas da empresa. A atitude representa um desrespeito grave ao MPT, aos funcionários envolvidos na questão e ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.

A audiência faz parte do Procedimento Investigatório - PI 181/01, instaurado depois de ter sido apresentada denúncia pelo Sindicato. A atitude vergonhosa da empresa vem sendo repetida desde o começo do caso, há mais de dois anos, quando jornalistas solicitaram a implantação do cartão-ponto. A Gazeta do Povo sempre se negou a negociar e faltou a todas as reuniões e audiências marcadas até hoje.

O assunto também foi discutido em assembleias da categoria. Em uma delas, em 2000, a maioria absoluta dos jornalistas da empresa aprovou, em votação, a reivindicação para a adoção de cartão-ponto. A ata da assembleia consta entre os documentos do PI 181/01.

Solução

O MPT deve convocar nova audiência para discutir o caso. Se a questão não for resolvida, o Sindicato adotará outros meios para impedir o abuso cometido pela Gazeta do Povo.



Empresa lucra ao explorar e abusar dos funcionários

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é clara no seu artigo 74. Qualquer empresa com mais de dez empregados é obrigada a manter registro de jornada de trabalho dos funcionários. Mesmo assim, a Gazeta do Povo sente-se no direito de jogar a legislação no lixo

e criar regras próprias.

O objetivo da empresa, ao desrespeitar a lei, é aumentar o lucro. Sem o cartão-ponto, os jornalistas são facilmente explorados pelas chefias. Trabalham muito além da jornada de cinco horas. Muitas ve-

zes, a jornada chega a dez ou até doze horas. E, o que é pior, não recebem uma hora-extra sequer. Essa realidade foi relatada ao Ministério Público do Trabalho e ficou registrada na ata da audiência de 20 de maio.



ação sindical

Justiça do Trabalho obriga Folha de Londrina a reintegrar dirigente sindical

Por determinação do juiz James Josef Szpatowski, da 13ª Vara do Trabalho de Curitiba, a Folha de Londrina foi obrigada a reintegrar no dia 25 de julho a jornalista Rosane Henn, secretária-geral do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. No mandado de reintegração, o juiz também determinou que a jornalista voltasse a fazer parte da redação da empresa nas mesmas condições vigentes antes da rescisão contratual.

Rosane foi demitida pela Folha de Londrina no dia 1º de julho. Como dirigente sindical, a jornalista tem estabilidade, conforme determinam a Constituição Federal e a legislação trabalhista em vigor. Em reunião realizada na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) no

último dia 23, em que devia explicar os motivos da demissão, o representante da Folha afirmou que a empresa não pretendia rever a dispensa de Rosane Henn e não apresentou uma justificativa para a atitude do jornal.

“Os dirigentes da Folha de Londrina envergonharam o Paraná com uma atitude arbitrária, antidemocrática e irresponsável”, criticou Mário Messafi Júnior, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. “Mas a Justiça fez valer a Constituição e garantiu um direito incontestável da jornalista”, afirmou ele.

Não se sentindo confortável com a situação criada pela direção da Folha de Londrina, Rosane Heinn acabou pedindo demissão no dia 12 de agosto.

Rosane Henn (à esquerda), acompanhada pela oficial de Justiça e pelo diretor-executivo do Sindicato, Silvio Rauth Filho, chega à Folha para ser reintegrada na redação

Elton Damásio



Sindicatos repudiam demissão da jornalista

No período em que Rosane Henn permaneceu fora da redação da Folha de Londrina, o Sindicato de Jornalistas Profissionais do Paraná e a jornalista receberam diversas manifestações de sindicatos e outras entidades repudiando a ação do jornal paranaense. O Sindicato dos Engenheiros do Paraná, através do presidente Rasca Rodrigues, manifestou a indignação da diretoria da entidade diante da afronta à legislação trabalhista e à Constituição Federal, do cerceamento à atividade sindical e da arbitrariedade. O médico Murilo Rubens Schaefer, presidente em exercício do Sindicato dos Médicos do Paraná, anunciou “apoio total” ao Sindicato dos Jornalistas nas medidas tomadas em favor da jornalista dispensada.

Para o presidente em exercício da Central Única dos Trabalhadores do Paraná (CUT-PR), Areovaldo Figueiredo, a atitude do diretor superintendente da Folha de Londrina, José Eduardo de Andrade Vieira, ao dispensar a dirigente sindical, “além de ferir a legislação, faz parte de uma fase que foi sepultada com a ditadura. José Eduardo, como homem público, deveria se empenhar em ampliar as possibilidades de manifestação de seus empregados, e não tomar uma atitude truculenta e antidemocrática que pune com a pena capital alguém que tem a obrigação de defender os trabalhadores”.

Também manifestaram apoio e solidariedade os sindicatos de jornalistas de Roraima, Mato Grosso do

Sul, Bahia, Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, Romário Schettino, lamentou a atitude tomada pela Folha de Londrina e informou que seu sindicato enviaria à direção do jornal paranaense nota de repúdio à decisão.

Humberto Silva, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Roraima, observou que “está cada vez mais difícil fortalecer nossos sindicatos, embora se diga que vivemos num país democrático”. “Quando denunciemos o não recolhimento do FGTS na Delegacia do Trabalho, somos acusados de incentivar demissões”, afirmou.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul qua-

lificou a demissão como política, “um atentado à organização sindical e uma afronta à categoria”. “É necessário darmos uma resposta à altura da agressão cometida para exemplarmente inibirmos comportamentos mesquinhos e ilegais que constantemente vêm sendo cometidos pelo medíocre empresariado da comunicação”, propôs o presidente do sindicato gaúcho, José Carlos Torves.

Para a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Mato Grosso do Sul, a demissão de Rosane Henn foi uma atitude gravíssima. “Temos de nos unir para impedir que os patrões utilizem métodos arcaicos, e acima de tudo desumanos, para impedir nossa organização sindical”, ressaltou nota oficial divulgada pela entidade.

Sindicato aciona Folha de Londrina na DRT

Os constantes atrasos de salários e o reajuste salarial retroativo a outubro de 2001 foram debatidos em reunião realizada no dia 23 de julho na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), na mesma reunião em que o Sindicato de Jornalistas Profissionais exigiu a reintegração de sua secretária-geral na sucursal da Folha, em Curitiba.

O representante da Folha afirmou que os atrasos de salários decorrem da variação da cotação do dólar, o que influi diretamente nos custos da empresa, dificultando a pontualidade no cumprimento das obrigações trabalhistas. A

Folha não assumiu nenhum compromisso de colocar em dia os pagamentos e seu representante informou que a perspectiva é regularizar o problema no segundo semestre. O jornal pagou os salários do mês de junho com cerca de 15 dias de atraso. A Folha vem atrasando os salários e descumprindo as obrigações trabalhistas com seus funcionários desde o final do primeiro semestre do ano passado.

A Folha de Londrina também não concedeu reajuste de salários retroativo a outubro de 2001, como determina a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT),

o que afeta os adiantamentos salariais e a concessão de plano de previdência. O representante da Folha alegou que, como a empresa se desfilou do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Paraná, não precisava cumprir o que ficou estabelecido na CCT.

Não é o que pensa Carlos Roberto Ribas Santiago, advogado do sindicato patronal, que em reunião na DRT em outubro do ano passado, em que estava presente o diretor superintendente da Folha, José Eduardo de Andrade Vieira, já o havia alertado de que a empresa deve cumprir todas as determi-

nações da CCT. O chefe da Seção de Relações do Trabalho da DRT e mediador da reunião, Luiz Fernando Favaro Busnardo, também afirmou que a Folha está sujeita às determinações da convenção coletiva, filiada ao sindicato patronal ou não.

Os presidentes dos Sindicatos dos Jornalistas do Paraná e de Londrina enviaram um ofício à DRT no qual solicitam que ela fiscalize a Folha de Londrina sobre o atraso dos salários e o reajuste salarial. E vão adotar outras medidas para que os direitos dos jornalistas da Folha sejam respeitados.



fenaj sul

Sindicatos do Sul iniciam ação conjunta

Os Sindicatos dos Jornalistas do Paraná, de Londrina, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul realizaram no dia 27 de julho, em Curitiba, uma reunião visando uma ação conjunta das quatro entidades. Onze decisões foram tomadas para um trabalho comum, algumas delas já implantadas ou em vias de implantação. Os quatro Sindicatos fazem parte da Regional Sul da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e sua iniciativa deve servir como incentivo para que as outras regionais do país se organizem.

Para Sílvio Rauth Filho, diretor-executivo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, "a ação conjunta dos Sindicatos do Sul é um avanço na organização sindical, em benefício da categoria". Segundo ele, as vice-regionais da Fenaj nunca funcionaram e o trabalho a ser desenvolvido no Sul pode servir de modelo para outras regionais. Também será importante para colocar em prática as decisões do Congresso Nacional dos Jornalistas de 2002.

Na reunião, foi feita uma avaliação da situação da categoria em cada estado. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, as campanhas salariais estão em andamento. Em Santa Catarina, a última proposta patronal foi de parcelar o reajuste de 9,55%. A inflação do período é de 9%. O piso iria para R\$ 750. No Rio Grande do Sul, o Sindicato defende um piso único na Campanha Salarial. Hoje a capital tem piso de R\$ 828 e o interior, de R\$ 770. A proposta patronal é de 6% para quem recebe até R\$ 1.000 e, acima desse valor, 3,5%. Para o Sindicato, a proposta é ruim, mas representa um avanço, já que nos dois últimos anos sequer houve iniciativa de negociação por parte dos patrões.

O Sindicato de Santa Catarina tem liderado a discussão para a implantação de TVs Comunitárias em várias cidades. Já tem experiências bem sucedidas em Joinville, Concórdia, Florianópolis, Chapecó e Jaraguá do Sul. O mesmo Sindicato também implantou o seu primeiro projeto de estágio em jornalismo, em con-

vênio com *A Notícia* e a Universidade de Joinville. Luís Fernando Assunção, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina e vice-presidente da Regional Sul da Fenaj, contou que foi ameaçado por um radialista, por ter criticado a atuação dele em um grupo de discussão. O Sindicato acionou a Justiça, as autoridades e a sociedade civil.

Registros precários

Celso Schroder, representando a Fenaj, relatou que a orientação da entidade nacional sobre os registros precários é para não sindicalizar os portadores desse registro e, caso peçam a carteira de identidade, o Sindicato deve recolher a documentação e enviar para a Fenaj. Sobre a proposta de Ordem ou Conselho de Jornalistas do Brasil, comentou que a Fenaj enviará um projeto de lei para o Senado, já que no Congresso tramita um projeto de autoria de Celso Russomano, com falhas, na avaliação da Fenaj.

Entre as decisões tomadas, por pro-

posta de Santa Catarina, um Encontro de Jornalistas será realizado em outubro de 2003 em Florianópolis (SC), coincidindo com o Encontro Nacional de Jornalistas em Assessorias de Comunicação (Enjac), que será na mesma data e no mesmo local. Também foram propostas a criação de uma Escola dos Jornalistas do Sul e a reativação dos Fóruns de Democratização dos Meios de Comunicação.

Os Sindicatos do Sul realizarão reuniões a cada três meses, estando a próxima marcada para o dia 2 de novembro, em Londrina. Um grupo de discussão por e-mail entre os três Sindicatos já foi implantado e haverá uma página conjunta dos Sindicatos do Sul nos jornais de cada entidade. Também foi feita a proposta de criar um prêmio de jornalismo para a região Sul. Será criado um banco de dados dos jornalistas do Sul e os sindicatos da região vão adotar decisão de Santa Catarina de padronizar a assinatura de jornalistas em meios de comunicação.

30º Congresso Nacional dos Jornalistas

A democratização dos meios de comunicação, a criação do Conselho Federal de Jornalismo e a regulamentação profissional foram os assuntos mais debatidos no 30º Congresso Nacional dos Jornalistas, que reuniu cerca de 350 profissionais e estudantes, além de contar com nove representantes de países da América Latina, no Tropical Hotel, em Manaus (AM), nos dias 29 de maio a 2 de junho de 2002.

A decisão da juíza substituta Carla Abrantkoski Rister, da 16ª Vara Federal em São Paulo, que suspendeu temporariamente a exigência do diploma de jornalista para o exercício da profissão, foi duramente criticada por todos os participantes. Segundo o advogado paulista João Roberto Piza Fontes, contratado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a decisão deve ser derrubada pelo Supremo Tribunal Federal. Durante a sua explanação no congresso, o advogado não quis, entretanto, estimar uma data para a decisão do STF.

Os delegados presentes ao congresso decidiram promover mobilizações públicas contra a decisão da juíza em todo o país, além da mobilização da categoria em Brasília. Também ficou decidido que cada sindicato co-

letará assinaturas em abaixo-assinado contra a decisão da Justiça. Na pauta da mobilização consta ainda a criação do Conselho Federal de Jornalismo.

Outra decisão que os delegados presentes ao congresso tomaram foi

o apoio da categoria ao candidato à presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva. A resolução foi cercada de polêmica e não foi unânime, mas aprovada pela maioria dos congressistas. Agora a Fenaj encaminhará o seu apoio formal ao candidato petista.



Outro item aprovado pelo congresso se relaciona com a reforma do estatuto da categoria. Pela proposta aprovada, a partir de agora o sindicato que contar com mais de 2.000 associados terá direito a enviar sete delegados ao congresso da categoria. O que tiver de 2.000 a 1.001 associados, seis delegados; de 1.000 a 301, cinco delegados; e até 300 associados, quatro delegados.

Ao final do congresso, os delegados aprovaram a sede do próximo encontro, em 2004. Dois estados estavam na disputa: Minas Gerais e Paraíba. A escolha foi acirrada, mas João Pessoa acabou vencendo por 42 votos. Dos 94 delegados presentes à votação, 35 optaram por Belo Horizonte. A maioria da delegação paraense, composta por quatro representantes do Sindicato de Londrina e dois do Sindicato do Paraná, votou pela capital mineira, por entender que a proximidade geográfica com Minas Gerais poderia favorecer uma participação maior de profissionais. Apenas um delegado paraense optou pela capital paraibana.

No encerramento do encontro, os delegados aprovaram a Carta de Manaus, documento oficial do 30º Congresso Nacional dos Jornalistas.



para entender melhor

Drogas, uma economia em crescimento

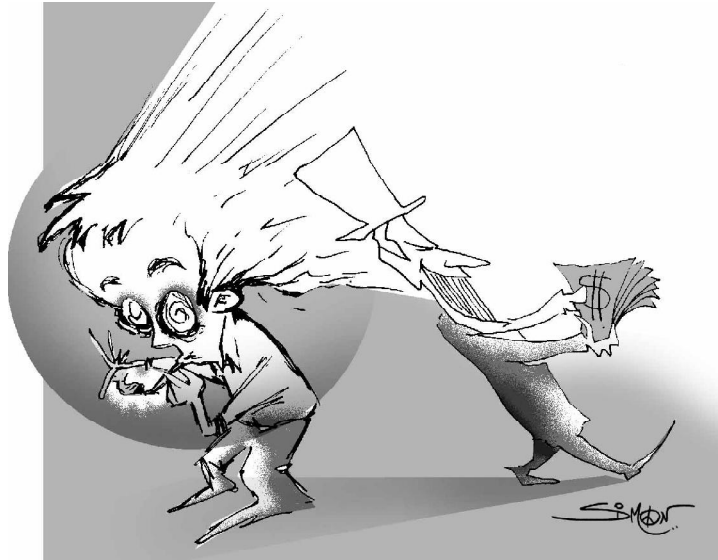
A complacência que existe em relação ao ecstasy e a outras drogas na mídia conectada, em alguns ambientes culturais e entre as autoridades repressivas, a idéia de que o seu uso é uma questão individual e não um problema coletivo, estão levando à sua disseminação. Hoje elas são consumidas abertamente em certos ambientes, sobretudo noturnos. Mas o que não se percebe é que a expansão do seu consumo está fortalecendo o crime organizado, como alertam os especialistas, e provocando tragédias como o assassinato de Tim Lopes, da Rede Globo de Televisão, e ameaças a jornalistas.

Nos planos político e financeiro, a economia das drogas está em crescimento constante, sobretudo depois do fim da guerra fria e dos avanços da globalização. Ela mexe cada vez mais com dinheiro sujo, lavado em setores legais, como os paraísos fiscais, e ilegais, como o tráfico de armas, sobretudo. Os narcóticos continuam gerando lucros enormes em escala internacional, por conta de máfias cada vez mais poderosas e de grupos armados em guerra contra o Estado, como na Colômbia.

A afirmação é de Jean-Marie Pelt, especialista francês em drogas, em artigo publicado no jornal francês *Le Monde*. Segundo ele, diante de cartéis e outros centros de produção de drogas, a comunidade internacional, sobretudo os Estados Unidos e a União Européia, estabeleceu políticas voluntaristas de combate, sem obter os resultados pretendidos.

Outro especialista em drogas, o francês Alain Labrousse, colaborador da Associação de Estudos Geopolíticos das Drogas, de Paris, diz que o tráfico de drogas nunca foi tão florescente como hoje. A produção de cocaína na América Latina, apesar de campanhas importantes, se eleva hoje a mil toneladas por ano. Ela diminuiu na Bolívia e no Peru, mas essa diminuição foi compensada pela alta crescente do cultivo na Colômbia.

O problema é sério, segundo Alain Labrousse, pois se a cocaína era até agora consumida em ambientes muito específicos como o show-business, hoje ela desceu às ruas, em grandes e médias cidades nas Américas e na Europa. E em grande quantidade. O fenômeno é preocupante, tanto mais que ainda não



existe um produto de substituição, como a metadona para a heroína.

A produção de heroína teve grandes flutuações nos últimos anos. Nos países do Ocidente, ela está perdendo espaço para a cocaína. Mas continua sendo muito consumida nas áreas de produção: Birmânia, Tailândia e Paquistão, que detém o recorde mundial de consumo, com 2 milhões de consumidores. No Afeganistão, duas colheitas recordes foram registradas em 1999 e 2000. Em 2001, os talibãs proibiram a produção da papoula, mas os estoques eram tão grandes que o consumo não diminuiu. Depois dos acontecimentos de setembro de 2001, os agricultores voltaram a semear.

Quanto à maconha, segundo Alain Labrousse, a sua produção e consumo explodem em todo o mundo. Como os usuários não percebem o perigo dessa droga doce, o consumo da *cannabis* se desenvolve rapidamente. A oferta corresponde à demanda. No Marrocos, por exemplo, a área cultivada passou de 50 mil hectares em 1992 para mais de 120 mil em 2000. Em 2001, toda a colheita foi vendida em três semanas.

Já em relação às drogas sintéticas, afirma Labrousse, o tráfico cresceu muito entre 1995 e 1998. Depois parece que o seu crescimento se estabilizou na Europa e nos Estados Unidos, onde o efeito da moda diminuiu um pouco. Em compensação, nos países do Sul, a produção continua crescendo.

Segundo Labrousse, o problema do combate eficaz ao tráfico de drogas é complexo. No caso das drogas naturais, é da competência sobretudo das políticas econômicas. O desequilíbrio das relações entre Norte e Sul e os problemas ligados à globalização estão entre as causas do problema. Por exemplo, os planos de ajuste estrutural do Banco Mundial obrigam os países do Sul a abrir o mercado para os produtos externos, o que traz um problema de concorrência diante de economias ocidentais mais produtivas. Assim, só os produtos ilícitos se tornam rentáveis para os agricultores do terceiro mundo.

Além disso, é preciso também combater as causas do consumo, diz Labrousse. Nos países mais desenvolvidos, é a ausência de perspectivas, além do recuo das religiões e da política, que são responsáveis por sua expansão. No terceiro mundo, é mais a pobreza e o desemprego.

Segundo Labrousse, a droga é também uma fonte de lucros para os grupos armados em conflito, como na Colômbia e no Afeganistão. Por isso, é preciso concentrar o combate também na regulamentação dos conflitos.

Labrousse observa que as políticas contra as drogas se chocam com os conflitos de interesses que existem entre os lucros obtidos pelo tráfico e a necessidade, no plano social, de diminuir o consumo. O combate às drogas é

suspenso quando os interesses estratégicos ou econômicos são ameaçados. Daí a ambigüidade da maioria dos países. Em 1992, a França sabia que a compra de material militar pelo Paquistão, sobretudo de submarinos nucleares, era em parte financiada pelo dinheiro das drogas. E mesmo assim eles foram vendidos. Do mesmo modo, os fundos secretos provenientes do tráfico tiveram um papel não desprezível na aquisição da bomba atômica pelo Paquistão. Labrousse afirma que nenhum Estado sacrificaria os seus interesses econômicos para combater as drogas.

A revista francesa *Le Nouvel Observateur* também publicou uma extensa matéria sobre a expansão das drogas e o funcionamento de sua distribuição. Depois de mostrar que os principais clientes das drogas são os adolescentes e os frequentadores de ambientes noturnos, a revista afirma que “essas drogas não são compradas de um bom companheiro, mas das máfias e do crime organizado”.

As matérias se baseiam num livro publicado por Thierry Colombie, Nacer Lalam e Michel Schiray, pesquisadores do conceituado Centro Nacional de Pesquisas Científicas, de Paris. “O movimento musical tecno foi o principal suporte do desenvolvimento do mercado do ecstasy e da difusão do produto, através de festas clandestinas ou organizadas em estabelecimentos especializados, como bares e discotecas, e de lugares de lazer ligados à festa, ao esporte e ao sexo. O consumo desta substância é associado a outros produtos de efeito psicotrópico mais tradicionais, como a maconha, o álcool e o fumo, e também a cocaína e vários medicamentos”, constataram os pesquisadores.

“As máfias industrializaram o mercado das drogas em escala continental. Organizaram a sua força de venda e o seu marketing terceirizando a revenda nos melhores locais das principais cidades. E contrataram muitos DJs, gerentes e às vezes donos de clubes noturnos. Neste negócio existem poucos bons companheiros e não há a menor garantia de qualidade. É um sistema de distribuição criminoso de alto rendimento, que não olha as consequências, obcecado em tornar dependente a sua jovem e promissora clientela”, afirma a revista.



sangue novo

Novos talentos recebem prêmios de jornalismo

Fotos: Everson Bressan

Mais de 300 pessoas participaram na noite de 11 de junho da solenidade de entrega da sétima edição do Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense, lotando o Teatro do HSBC, na Avenida Luís Xavier. Como sempre, não faltaram torcidas organizadas das universidades e alunos ansiosos para receber o mais importante prêmio a que concorrem os alunos de Jornalismo no estado. O Sangue Novo é promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, com o patrocínio neste ano do HSBC.

Os alunos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com quatro prêmios, foram os grandes vencedores da noite. A Universidade Pontifícia do Paraná (PUC-PR) ficou com três prêmios. A Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), o Unicenp e a Cesumar de Maringá obtiveram um prêmio cada. A PUC-PR e o Unicenp dividiram o primeiro lugar na categoria Jornal Laboratório. A apresentação do concurso foi feita pelos jornalistas Niele Cristina Lima de Melo, da Lumen Arte e Vídeo e Rede Vida de Televisão, e Marco Antônio Assef, coordenador do Sangue Novo.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas, Mário Messagi Júnior, dedicou a solenidade de entrega dos



Estudantes de jornalismo lotam o Teatro do HSBC

prêmios ao jornalista Tim Lopes, da Rede Globo, que foi morto ao fazer reportagens sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Uma das curiosidades da premiação foi a presença da cachorra Charlotte Holmes, que atuou como personagem do trabalho "Faro", produzido pela aluna Danieli Bonatto Haloten, do 4º ano da PUC-PR e vencedor da categoria Projeto Jornalístico Livre.

Tiago Luiz Bubniak, aluno do 4º ano da UEPG, destacou-se vencendo dois prêmios: reportagem

impressa, com o trabalho "Gestos Eloqüentes", orientado pelo professor João Carlos Dias, e melhor monografia, com o trabalho "Entre o Estado e os Cidadãos - Telejornalismo como Mediação Social ou 'Voz do Povo'?", orientado pela professora Irvana Chemin Branco.

Os trabalhos foram avaliados por 30 jornalistas que atuam nas diversas áreas de comunicação, sem nenhum vínculo com cursos universitários de Jornalismo. Segundo o jornalista Marco Antônio Assef, coordenador do concurso, o Sindicato dos Jornalistas apenas promove e organiza o concurso, mas são as comissões julgadoras que decidem se darão prêmio a uma determinada categoria ou não.

A equipe vencedora de cada categoria recebeu como prêmio um vale-livro no valor de R\$ 50,00 e os alunos André Gustavo de Lara, Flávio Miranda e Daniel Naufal, do 2º ano da PUC-PR, autores do trabalho "Karuguá, o Último Refúgio", orientado pela professora Mônica Cristina Fort, ganharam um computador Pentium multimídia sorteado entre os vencedores das diversas categorias. Depois da entrega dos prêmios, houve comemoração no Café Curação.



Projeto para Telejornalismo: Carlos Roberto Gonçalves Gaspar, Andressa Meurer Missio, Mário Messagi Júnior e professor João Somma Neto



Reportagem para Televisão: Professora Monica Fort, André Gustavo de Lara, Flávio Miranda, Daniel Naufal e Rosane Henn



Alunos do Unicenp recebem o prêmio de Jornal Laboratório



Projeto Jornalístico Livre: professora Monica Fort, Danieli Bonatto, a cachorra Charlotte Holmes e Lycio Velloso Ribas (avaliador)



Projeto Jornalístico para Internet: Rogério Galindo (avaliador), Priscila Caroline de Souza e Adir Nasser Júnior (avaliador)



Reportagem Fotográfica: Luiz Renato Munhoz e Lara Sfair



Projeto em Jornalismo Impresso: Uduvaldo Rocha (representando a filha Ellen Muroro Rocha), Michelle Horst, professor Valdir Cruz, Isabel Cristina de Albuquerque e Nilson Monteiro (avaliador)



Monografia: Professora Irvana Chemin Branco, Tiago Luiz Bubniak e professora Solange Cristina Alves de Lima



Alice Barbosa Duarte e Amira Massabki, vencedoras do Projeto em Radiojornalismo, e José de Melo



Reportagem impressa: Tiago Luiz Bubniak e Lorena Klenk (avaliadora)



As palavras do vencedor

Everson Bressan

GANhar um prêmio num concurso é sempre um incentivo. Foi uma surpresa, mas sabíamos que íamos concorrer. O assunto foi bem escolhido, o material bem organizado e editado. Mas a maior surpresa foi ganhar o computador." A comemoração é de André Gustavo de Lara, atualmente no 3º ano do curso de Comunicação da PUC-PR, que com Flávio Miranda e Daniel Naufal venceu a categoria Reportagem para Televisão com o trabalho "Karuguá, o Último Refúgio".

"Fizemos uma reportagem num local de difícil acesso, aproximadamente a 30 km de Curitiba, no município de Piraquara. Daquela cidade tivemos que caminhar mais 15 km até o manancial e mais 20 km até o retiro dos índios. Isso demonstra até a característica da reportagem. Os índios se retiraram para aquele local porque sentiram que a sua cultura estava ameaçada e acreditam que, na nova localidade, podem

perpetuar a sua cultura. Eles lançaram um CD sobre a vida deles, que é fonte de renda e ajuda na compra de mantimentos", comenta André Gustavo de Lara.

Ele espera que na oitava edição do Sangue Novo mais concorrentes participem da disputa do prêmio. "Já começamos a realizar uma série de reportagens para inscrever no próximo concurso, incentivados pelo prêmio que ganhamos", conclui.

Mário Messagi
Júnior entrega o
computador a
Flávio Miranda



Os resultados do prêmio

Reportagem impressa

1º lugar: Tiago Luiz Bubniak, do 4º ano da UEPG, com "Gestos Eloquentes", orientado pelo professor João Carlos Dias.

2º lugar: Melina Carmela Costa e Fernando Jasper, do 2º ano da UFPR, com "Acordo Irregular Lesa Banestado", orientados pelo professor Aurélio Munhoz.

3º lugar: Júlio A. Malhadas Neto, do 3º ano da UFPR, com "e-Papai Noel foi Pontual em 2001", orientado pelo professor Aurélio Munhoz.

Menção honrosa para Edmar Gregório Júnior, do 2º ano do Unicenp, com "O Mal do Século está de Volta", orientado pela professora Maria Zaclis da Veiga.

Menção honrosa também para Gislaíne Maria Keizanoski e Sandra Mara Volf Pedro, do 3º ano do Unicenp, com "Um Crítico Diferente", orientadas pelo professor Marcelo Lima.

Projeto para Jornalismo Impresso

1º lugar: Isabel Cristina de Albuquerque, Ellen Muroro Rocha e Michelle Horst, do 4º ano da Tuiuti, com "Comunicação para Deficientes Visuais", orientadas pelo professor Valdir Cruz.

2º lugar: Melina Rejalle e Leandro Taques, do 4º ano da Tuiuti, com "Top Cristá", orientados pelo professor Emerson Castro.

3º lugar: Ana Paula Villa, Janaina Monteiro e Juliana Ulbrich, do 4º ano da PUC-PR, com "Quincas".

Menção honrosa para Ronaldo Tavares da Silva, do 4º ano da Cesumar, com "Rota Sul Turismo Rural", orientado pelo professor Mário Benedito Sales.

Projeto para Radiojornalismo

1º lugar: Alice Barbosa Duarte e Amira Massabki, do 4º ano da UEPG, com "Panorama Cultural", orientadas pelo professor José Rocher.

2º lugar: Michelle Horst, Isabel Cristina de Albuquerque e Ellen M. Rocha, do 4º ano da Tuiuti, orientadas pelo

professor Valdir Cruz.

3º lugar: Fernanda Favoratto Martins, Flávia Garcia Penna, Irene Elias Simões, Janaina Fogaça, Marcos Roberto Trindade e Rodrigo Montanari, do 4º ano do Unicenp, orientados pelo professor Luiz Witiuk.

Reportagem para Televisão

1º lugar: André Gustavo de Lara, Flávio Miranda e Daniel Naufal, do 2º ano da PUC-PR, com "Karuguá, o Último Refúgio", orientados pela professora Monica Fort.

Menção honrosa para Alex Gruba Barbosa e Rita de Cássia Loiola, do 3º ano da UFPR, com "Aluguel de Carrinhos", orientados pelo professor Eduardo Baggio. Menção honrosa também para Frances Baras, Nilza Pereira da Silva, Patrícia Santos, Paula Girardi e Priscylla Schutcz, do 2º ano da PUC-PR, com "Cajuru: um Contraste Social", orientadas pela professora Suyanne Tolentino.

Projeto para Telejornalismo

1º lugar: Carlos Roberto Gonçalves Gaspar e Andressa Meurer Missio, do 4º ano da UEPG, com "Programa Eccos", orientados pelo professor João Somma Neto.

2º lugar: Diana Moro e Patrícia Arndt, do 4º ano da Tuiuti, com "TV do ½ - O seu Canal Alternativo", orientadas pela professora Carmen Célia.

3º lugar: Cassiana Gonçalves e Janaina Fogaça, do 4º ano do Unicenp, com "Perfil Curitibano", orientadas pela professora Estela Doris Kusth.

Projeto Jornalístico para Internet

1º lugar: Priscila Caroline de Souza e Juliana A. Leal, do 4º ano da Cesumar, com "Revista Cenário", orientadas pela professora Rosane Verdegay.

2º lugar: Leandro Naerloch, Rita de Cássia Loiola, Soraya Kffuri, Glenio Bongioiolo, Cristiano K. Poll e Fabiane Pellegrino, do 3º ano da UFPR, com "Elo Virtual", orientados pela professora Mirian Del Vecchio.

3º lugar: Andressa Zanin Rovani, do 4º ano da UFPR, com "A História da Televisão no Paraná", orientada pelos professores Carlos Rocha e Eduardo Baggio.

Projeto Jornalístico Livre

1º lugar: Danieli Bonatto, do 4º ano da PUC-PR, com "Faro", orientada pela professora Mônica Fort. 2º lugar: João Antônio Ramon Neto, Mariana Fontanelli e Suzana Paquete, do 4º ano da PUC-PR, com "Jornalismo e Turismo Cultural", orientados pela professora Maria Teresa Marins Freire.

3º lugar: um grupo de vinte alunos do 2º ano da PUC-PR, com "Informe Universitário", orientados pela professora Suyanne Tolentino.

Menção honrosa para Rafael Tanek Lacerda, Tatiane Canova, Jamil Saloum Jr. e Maria Carla Guimarães, do 3º ano do Unicenp, orientados pelo professor Luís Witiuk.

Menção honrosa também para Luiz Fernando Calmon e Priscilla Geha, do 3º ano do Unicenp, com "Stockmans Gaard", orientados pelo professor Leonardo Ferrari.

Melhor Monografia

Tiago Luiz Bubniak, do 4º ano da UEPG, com "Entre o Estado e os Cidadãos - Telejornalismo como Mediação Social ou 'Voz do Povo'", orientado pela professora Irvana Chemin Branco.

Reportagem Fotográfica

Menção honrosa para Luiz Renato Munhoz, do 3º ano da Tuiuti, com "Cidadania", orientado pelo professor Emerson Cervi.

Jornal Laboratório

1º lugar: Comunicare, da PUC-PR, e Laboratório da Notícia, do Unicenp.

2º lugar: Foca Livre, da UEPG.

3º lugar: Pauta nqm, da Tuiuti.

Os nomes dos avaliadores dos trabalhos estão no www.sindijorpr.gov.br



democratização da comunicação

Conselho de Comunicação Social, espaço público de debate

Tomaram posse no dia 25 de junho no Senado, em Brasília, os integrantes do Conselho de Comunicação Social. Na mesma data, foram eleitos José Paulo Cavalcanti como presidente e Jayme Sirotski como vice do novo órgão, que vai servir para dar suporte às decisões do Poder Legislativo sobre o setor, com função consultiva. Cavalcanti é um dos cinco representantes da sociedade civil que compõem o Conselho e Sirotski preside a Rede Brasil-Sul de Comunicações (RBS).

O Conselho de Comunicação Social foi aprovado pelo Congresso no dia 5 de junho. Na Câmara dos Deputados foram 217 votos a favor, 13 contrários, 54 em branco e dois nulos. O Senado aprovou os 13 nomes por 58 votos favoráveis, quatro contrários e cinco em branco. Previsto no artigo 224 da Constituição e regulamentado pela Lei 8389, o Conselho foi resultado de um acordo, reivindicado pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, firmado entre os líderes dos diversos partidos no Senado, que se comprometeram a só votar a Proposta da Emenda Constitucional (PEC) que abre as empresas de comunicação ao capital estrangeiro, após a composição do Conselho.

O órgão deverá ser chamado a se manifestar sobre temas relacionados com a liberdade de expressão, a informação, os modelos de controle dos meios de comunicação, o conteúdo das programações da mídia, a promoção da cultura nacional e regional, e também sobre a legislação referente à propriedade dos canais de rádio e televisão.

Para a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), o Conselho de Comunicação Social é um espaço institucional



privilegiado que abre condições para a sociedade influir democraticamente sobre o Executivo e o Legislativo, viabilizando o que antes só estava ao alcance dos lobbies das empresas. É uma instituição de novo tipo que privilegia a política e a interlocução entre setores com posições contraditórias, possibilitando o equacionamento das demandas sociais e dos diversos interesses dos segmentos sociais.

O Conselho é o único espaço público que a sociedade garantiu, depois de mais de dez anos de desrespeito à Constituição pelo Congresso, para discutir políticas públicas para a comunicação e orientar o Legislativo neste momento estratégico que o Brasil está vivendo com a digitalização das comunicações e a desregulamentação da mídia. A sua instalação inicia, segundo a Fenaj, uma nova etapa na luta pela democratização da comunicação ao abrir caminho para relações inovadoras entre o Estado, o setor privado e a sociedade.

O Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação destaca que a luta pela democratização da comunicação é um processo de longo prazo que exige, sobretudo, mudanças culturais profundas. Por isso, o Fórum reconhece que não poderia haver momento mais rico e oportuno do que agora para dar início à experiência do Conselho.

O Conselho é composto por 13 membros, cada um com seu suplente. Oito são de segmentos específicos da sociedade civil, sendo quatro de setores empresariais e quatro de setores profissionais. As demais vagas são genericamente destinadas a representantes da sociedade civil. Segundo a Fenaj, a composição final resultou equilibrada.

Os componentes do Conselho

Membro	Categoria
Paulo Machado de Carvalho Neto	Rádio
Roberto Wagner Monteiro	Televisão
Paulo Cabral de Araújo	Jornalismo impresso
Fernando Bittencourt	Engenharia de comunicação
Daniel Herz	Jornalistas
Francisco Pereira da Silva	Radialistas
Berenice Mendes Bezerra	Artistas
Geraldo Pereira dos Santos	Cinema e vídeo
José Paulo Cavalcanti	Sociedade civil
Alberto Dines	Sociedade civil
Jayme Sirotski	Sociedade civil
Carlos Chagas	Sociedade civil
Ricardo Moretzsohn	Sociedade civil

Capital estrangeiro na mídia

Com 57 votos favoráveis, um contrário e uma abstenção, o Senado aprovou no dia 22 de maio a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que permite a participação de capital estrangeiro nas empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de imagens, até o limite de 30 por cento do capital votante ou total. A proposta já havia sido aprovada pela Câmara dos Deputados e não sofreu nenhuma alteração

O artigo 1º da proposta aprovada afirma que “em qualquer caso, pelo menos setenta por cento do capital votante das empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens deverá pertencer, direta ou indiretamente, a brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, que exercerão obrigatoriamente a gestão das atividades e estabelecerão o conteúdo da programação”.

Após promulgarem a emenda, os

congressistas ainda terão de aprovar uma lei ordinária estabelecendo as regras para a entrada do capital estrangeiro, incluindo as normas para a fiscalização do cumprimento da legislação.

Segundo o jornalista Alberto Dines, “o capital estrangeiro já está presente nos meios de comunicação brasileiros há muito tempo e existem muitas artimanhas para burlar a Constituição.” Um exemplo flagrante: os acordos assinados entre vá-

rios jornais brasileiros e periódicos norte-americanos e ingleses de prestígio. O *Estado de S. Paulo* publica várias páginas com o logotipo do *Wall Street Journal*. Uma maneira, segundo Alberto Dines, de empregar menos jornalistas.

Alberto Dines cita ainda outra violação do espírito da Constituição: a *Folha de S. Paulo* se associou ao grupo canadense Quad Graphics para construir o seu parque gráfico inaugurado em 1997.



liberdade de expressão

Repórter do Jornal do Estado é ameaçada por quadrilha

Em reportagem publicada no dia 24 de julho, o *Jornal do Estado* revelou que a repórter Sâmar Razzak sofreu ameaças por telefone após denunciar a existência de uma quadrilha que vendia diplomas falsificados de suplementos, vindos de Minas Gerais, em matéria publicada no dia 18. A Federação Nacional dos Jornalistas e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná divulgaram nota oficial repudiando as ameaças e reivindicando eficiência e rapidez das autoridades nas investigações.

Segundo a reportagem do *Jornal do Estado*, assinada por Mário Akira, um homem que se identificou apenas como Pedro afirmou conhecer o telefone e o endereço residencial da repórter. Também a “aconselhou” a tomar cuidado com outras publicações sobre o assunto. Pedro disse ainda que conhecia os movimentos da repórter e que qualquer pessoa envolvida no esquema poderia ter acesso às apurações da jornalista.

Mesmo não tendo recebido uma denúncia formal da Secretaria de Estado da Educação (Seed), procedimento necessário para a abertura de investigação, o delegado Guaraci Joarez Abreu, da Delegacia de Crimes contra a Administração Pública, logo começou a



trabalhar no caso.

A direção do jornal pediu proteção especial para a repórter junto à Polícia Civil do Paraná e a Secretaria de Estado da Segurança Pública também foi informada sobre a ameaça. Na matéria, Mário

Akira afirma que “a direção do *Jornal do Estado* continuará publicando reportagens conforme os princípios do jornalismo e não se intimida com as tentativas de represálias por parte de criminosos”.

Em nota oficial, a Fenaj e o

Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná afirmam que a ameaça representa uma grave agressão à profissional e um atentado contra a liberdade de imprensa, na medida em que tenta inibir a publicação da verdade. “É necessário denunciar esse crime. E essa é uma tarefa de todos que defendem a liberdade de imprensa, um dos alicerces da democracia”, destaca a nota.

A Fenaj e o Sindicato dos Jornalistas realçam ainda que “é preciso incentivar o jornalismo

investigativo, arma de extrema eficiência no combate ao crime. Nessa tarefa, entretanto, é fundamental que as empresas e os profissionais tenham responsabilidade e cautela, para evitar que os jornalistas se tornem vítimas fatais”.

negligência policial

Agredido em festa morre no hospital

A *Gazeta do Povo* e a *Folha de Londrina* publicaram matérias, nos dias 14 e 15 de agosto respectivamente, sobre a agressão sofrida pelo representante comercial Francisco Carlos Stroka, 53 anos, na madrugada do dia 9 de agosto por convidados de uma festa no condomínio onde mora, no bairro do Uberaba. Em consequência de lesão no crânio, o representante comercial foi internado no Hospital Cajuru, onde permaneceu em coma profundo, vindo a falecer no dia 16. Francisco Stroka era pai do jornalista Rodrigo Stroka.

Para a família, houve negligência

policial, porque uma viatura da Polícia Militar (PM) esteve no local, mas os policiais não fizeram nada para impedir a agressão. O caso está sendo investigado pelo delegado Roberto de Almeida, do 9º Distrito Policial. Ele foi nomeado especialmente para o caso, já que a investigação deveria ser feita pelo 6º Distrito Policial, responsável pela região onde fica o condomínio Tirol das Araucárias, no bairro do Uberaba. O inquérito terá um mês para ser concluído.

Segundo o advogado do representante, Edgardo Maranhão, moradores do condomínio foram reclamar do barulho

da festa na casa de Eric Jonan, funcionário de uma montadora, com a esposa do representante, que é síndica do condomínio, e ela foi até a residência do estrangeiro. Maranhão relata que no local havia 12 veículos e Regina também teria pedido que fossem estacionados de forma a não prejudicar o trânsito.

No início, o barulho diminuiu. Mas, no meio da madrugada, os vizinhos reclamaram outra vez. A síndica e Stroka, então, chamaram a polícia. Uma viatura da PM foi até o local. Regina e o marido receberam os policiais na entrada do condomínio e os levaram até a casa de

Jonan. Várias pessoas foram atender, conforme relatou o advogado, mas houve uma discussão e Francisco foi agredido com socos e pontapés. O representante comercial foi levado ao hospital, onde se verificou ter sofrido traumatismo craniano.

De acordo com a assessoria de imprensa da PM, no boletim de ocorrência consta que as agressões foram dos dois lados. O B.O. informa ainda que Stroka teve um mal súbito e caiu. Como a briga foi generalizada, não foi feita nenhuma prisão, mas os envolvidos foram indiciados.



entrevista

Washington Novaes esteve em Curitiba fazendo palestra no encontro "Jornadas do Meio Ambiente para Jornalistas", promovido pela Rede Verde de Informações Ambientais, com o apoio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e da Federação da Agricultura no Estado do Paraná. Nesta entrevista, ele fala sobre a



responsabilidade pessoal do jornalista no exercício da profissão e alerta que as questões ambientais estão no centro dos principais problemas atuais e devem ser abordadas desde o início, e não só em tempos de crise. "A questão ambiental deveria ser o centro e o ponto de partida de todas as políticas públicas e de todos os planejamentos privados. Os jornalistas devem mostrar isso à sociedade e levá-la a exigir soluções de seus governantes", recomenda.

A RESPONSABILIDADE DO JORNALISTA E O MEIO AMBIENTE

Extra Pauta - No encontro "Jornadas de Meio Ambiente para Jornalistas", você falou sobre a responsabilidade pessoal do jornalista. Poderia aprofundar mais o tema?

Washington Novaes - Existe uma responsabilidade diferenciada, que não é a responsabilidade da empresa, mas do jornalista no exercício da sua profissão. Para situar a questão, contei uma história que exemplifica bem o assunto. Quando eu estava começando no jornalismo, em 1957, na antiga Folha da Manhã, hoje Folha de S. Paulo, o secretário do jornal, Mário de Araújo Lobo, um dia me deu para reescrever uma notícia de um desempregado que matou a mulher e os quatro filhos e se suicidou com a última bala do revólver. Entreguei a ele a matéria reescrita e ele marcou que aquela notícia ia sair em uma coluna na página 14. Estranhei e disse a ele: "Você vai esconder uma notícia como esta dentro do jornal?" Ele me perguntou: "E você faria o quê?" Eu disse que daria na primeira página, com todo o destaque. Ele me perguntou porquê. "Porque ela demonstra a situação social que o país está vivendo, a injustiça, o desemprego. Ela ajuda a criar consciência." Ele então me falou: "Pode ser que você tenha razão. No ano passado, quando eu era secretário da Folha da Tarde, veio uma notícia exatamente igual a esta: um homem matou a família e suicidou-se porque estava desempregado. Fiz o que você disse que faria. Coloquei na primeira página do jornal. Nos dias seguintes chegaram várias notícias de desempregados que mataram a mulher e a família e se suicidaram. Eu nunca vou saber se alguma dessas pessoas leu a notícia que dei na primeira página do jornal e a tomou como exemplo. Mas não tenho mais coragem de colocar uma notícia como essa com destaque na primeira página. Se alguém tiver uma solução melhor, estou disposto a seguir." Ao longo de 45 anos como jornalista contei essa história e fiz essa pergunta a dezenas de jornalistas competentes e só um me respondeu que daria a notícia na primeira página, e ainda assim correndo risco. Os outros todos me disseram que não sabiam o que fazer. Esta situação acontece todos os dias com os jornalistas e não sabemos como proceder. Ela mostra quanto precisamos caminhar na responsabilidade social do jornalismo, que envolve o jornalista como pessoa. Existem escolhas que dependem exclusivamente dele, não da empresa, nem do governo, nem da legislação.

Extra Pauta - O jornalista, pessoalmente, não tem uma grande possibilidade de dar determinado enfoque à notícia?

Novaes - O jornalista tem uma responsabilidade pessoal enorme nesta questão. No seu cotidiano, ele depara o tempo todo com questões como o que fazer e o que

não fazer, o que publicar e o que não publicar, o que destacar e o que não destacar. Com isso influencia os rumos da sociedade. É uma responsabilidade grave que precisa ser considerada. Ela fica mais pesada quando se junta a isso a chamada questão ambiental. O jornalista tem a responsabilidade de mostrar à sociedade e aos governantes que a chamada questão ambiental é o fundamento de tudo. Que tudo acontece no ambiente, no concreto, no solo, no ar, na água, entre os seres vivos. Tudo o que as pessoas fazem tem repercussão ali. O jornalista não pode examinar a questão só quando ocorre um problema. Tem de examiná-la desde o início. Ela deveria ser o centro e o ponto de partida de todas as políticas públicas e de todos os planejamentos privados. Está nas mãos dos jornalistas mostrar isso à sociedade e levá-la a exigir soluções de seus governantes.

Extra Pauta - A cobertura do meio ambiente na imprensa brasileira, hoje, está evoluindo ou involuindo?

Novaes - Tem evoluído, pois hoje as chamadas questões ambientais são tão graves, principalmente nas áreas urbanas, que os meios de comunicação não têm como ignorá-las, até para não perder o seu público leitor e telespectador. O jornalismo tem que tratar delas porque se tornam cada dia mais graves e complicadas. Mas elas deveriam ocupar um espaço muito maior e não só nos momentos de crise. Os jornalistas precisam se habituar a discutir essas questões desde a sua origem e dar à sociedade a oportunidade de se informar a respeito e decidir de forma adequada. O que vemos hoje é que elas só são discutidas quando se instala uma crise, e não antes.

Extra Pauta - No Paraná ocorreram casos graves de agressão ao meio ambiente, como o vazamento de óleo na Refinaria de Araucária. As áreas rurais praticamente foram desmatadas. Que papel a comunicação pode desempenhar em relação ao meio ambiente?

Novaes - A comunicação é muito falha antes da crise. Hoje existem dez ou doze grandes questões e a maioria delas são ambientais. Onde estava a comunicação que não discutiu essas questões antes? A crise precisa se instalar para que elas sejam discutidas? Não é possível mostrar antes que se caminha para um problema? Isso acontece com o desmatamento e com as mudanças climáticas, por exemplo. A comunicação só interveio no momento da crise. Ela teria que estar presente antes, para evitar a crise. Isso implica uma nova postura. Hoje o jornalismo só trata do grande problema, da grande crise, da grande emoção. É preciso promover uma discussão prévia de todos esses problemas e evitar que aconteçam.

Extra Pauta - A imprensa de modo geral abandonou o jornalismo investigativo e o aprofundamento



das notícias. É possível reverter esse quadro?

Novaes - A comunicação está num momento muito complicado. Hoje há uma disputa feroz pelo mercado, no mundo inteiro. Oito grupos disputam o controle da comunicação mundial. E se convencionou que, para assegurar a audiência e o índice de leitura, o que importa é o modelo da notícia como espetáculo. Assim, a comunicação só intervém na grande crise, na grande emoção, na grande tragédia. Isso relega ao abandono a discussão mais produtiva, mais didática, mais informativa e formativa que a comunicação deveria exercer. Por outro lado, expulsa da comunicação o cotidiano, que é feito de pequenas coisas. É preciso restituir o cotidiano na comunicação. Hoje ele não tem espaço, ocasionando conseqüências graves. A vida não é feita de grandes tragédias, de grandes acontecimentos. Cada pessoa, em sua vida, é regida por uma sucessão de pequenos acontecimentos, mas isso não está na comunicação. O modelo vigente é muito perigoso, pois a comunicação exclui os fatos que tocam as pessoas mais de perto. Elas passam a ver tudo como espetáculo, como algo a ser contemplado, não como algo a ser sentido e que convoque as pessoas a uma responsabilidade pessoal.



Washington Novaes falou aos jornalistas sobre meio ambiente no dia 6 de junho no Shopping Center Batel

Extra Pauta - O congresso anual da Associação Mundial dos Jornais realizado em maio em Bruges, na Bélgica, apontou a concorrência com a televisão, procurando apresentar as informações de maneira mais espetacular, como um dos principais motivos da queda de circulação dos jornais sobretudo nos Estados Unidos. Na França, ao contrário, jornais de todas as tendências aumentaram a tiragem, mesmo com a crise na publicidade. Os meios de comunicação franceses aprofundam as notícias, inclusive na internet, onde são dadas notícias curtas, mas também é feita a análise mais aprofundada. O crescimento de circulação é pequeno, mas ocorre todos os anos. Não é um alerta para os donos de veículos de jornalismo impresso?

Novaes - A comunicação está num momento delicado. As pessoas em todo o mundo têm cada vez menos tempo para si mesmas. Trabalham cada vez mais, levam cada vez mais tempo para se deslocar entre sua casa e o trabalho e voltar. Levar essas pessoas a se interessarem pela discussão e se aprofundarem não é simples. Elas preferem a comunicação como entretenimento. Estamos numa crise dos nossos modos de viver. Estamos numa fase que a língua inglesa chama de *turning point*, ponto de inflexão, em que vamos ter que repensar os nossos formatos de viver. Nestes dias con-

Extra Pauta - Nas margens dos mananciais e dos reservatórios, na Região Metropolitana de Curitiba, vive um grande número de pessoas que não têm possibilidade de pagar aluguel. Moram ao lado dos rios, que fornecem água para a cidade. Segundo os especialistas, todos os rios de Curitiba e da Região Metropolitana estão poluídos. O que poderia ser feito?

Novaes - Este é um panorama comum em todas as regiões metropolitanas no Brasil. A maior delas, a de São Paulo, tem 2 milhões e 700 mil pessoas vivendo em áreas de preservação permanente ou áreas de risco. Como tirar 2 milhões e 700 mil pessoas desses lugares? Levá-las para onde e fazer o quê com elas? São Paulo é uma cidade que consegue conviver ao mesmo tempo com enchente e racionamento de água. Tem sobra e falta de água ao mesmo tempo. Não pode usar um só litro de água dos mananciais que atravessam o seu território, pois todos estão altamente contaminados, poluídos. E vai buscar água até 150, 200 quilômetros de distância, competindo por essa água com outras regiões, pagando um custo brutal para transportá-la. Estamos vivendo a irracionalidade.

Extra Pauta - Os técnicos falam que, daqui a alguns anos, também em Curitiba e na Região Metropolitana a perspectiva é buscar água em rios da região central do estado para abastecer a capital e as cidades vizinhas.

Novaes - Todas as regiões metropolitanas brasileiras estão na mesma situação. Estamos vivendo de forma insustentável. Estamos a caminho do colapso. É preciso repensar isso enquanto é tempo. É preciso fazer as coisas de forma adequada para que a vida seja possível e seja possível a convivência do ser humano com o ambiente que o rodeia.

Extra Pauta - Em Los Angeles, nos Estados Unidos, 60% do espaço urbano estão voltados para o carro. A média de ocupação pelo automóvel em outras grandes cidades americanas é de 50%. O Brasil está caminhando para isso. Os orçamentos das nossas maiores cidades não estão sendo destinados cada vez mais para o automóvel?

Novaes - Considerando ruas, avenidas, estacionamentos e garagens, a cidade de São Paulo já tem mais de 50% do espaço público ocupado pelo transporte. É um contra-senso. O que devia ser um meio passa a ser um fim. As pessoas passam a viver em função dessas coisas. Quanto à população, o Brasil ainda tem 18 a 19% de sua população na área rural. Há muitas discussões sobre o que é população urbana e população rural. O professor José Eli da Veiga considera que as cidades de pequeno porte e as pessoas que moram nelas ainda estão relacionadas com o campo, e há uma proporção muito maior da população brasileira ainda vivendo no campo. Mas o fato é que existe um processo pelo qual há cada vez menos espaço e possibilidade de ocupação para as pessoas fora das cidades. Mas as cidades não são capazes de atender a essas pessoas e dar a elas um modo de vida adequado. Mais uma vez, tudo isso tem que ser repensado. E essa é uma função do jornalista. Ele precisa discutir os modelos brasileiros de ocupação do território, os modelos de produção, as conseqüências que isso tem no social e no urbano. É o que se espera dele.

versava com meu filho e dizia para ele: "Pense no que aconteceria na Grande São Paulo, que tem 17 milhões de habitantes, se a televisão não funcionasse durante uma semana. Essas 17 milhões de pessoas seriam devolvidas a si mesmas em seu tempo disponível. O que aconteceria dentro e fora das casas? Não há espaço urbano para que essas pessoas busquem outras alternativas fora de casa e dentro de casa elas também não têm mais uma rotina que ocupe o tempo disponível. A televisão é hoje, de certa forma, a grande organizadora da vida social. Ela ocupa o tempo das pessoas, diz os assuntos pelos quais elas devem se interessar, o que devem e o que não devem fazer. Se a televisão fosse retirada e o cidadão fosse devolvido a si mesmo, haveria uma situação dramática.

Extra Pauta - A televisão, que também deveria informar, informa de maneira muito superficial.

Novaes - Mas ela ocupa o tempo das pessoas e disciplina o modo de vida delas. Pode-se não gostar da sua programação, mas é ela que organiza. As pessoas ocupam a maior parte do tempo em que não trabalham vendo televisão. O que aconteceria se elas não tivessem televisão? Certamente haveria transformações profundas.

Extra Pauta - As capitais e regiões metropolitanas cresceram muito. O desemprego é alto em todas as grandes cidades e a violência aumentou muito. Hoje é a televisão que orienta a vida das pessoas. Como você encara esse processo?

Novaes - Houve um processo brutal no Brasil. De 1960 a 1996, a população das cidades cresceu 93 milhões de pessoas. É uma brutalidade. Como atender as necessidades de 93 milhões de pessoas? Isso determinou uma expansão urbana caótica. Grande parte dessas pessoas foi tirada do campo ou nasceu das pessoas mais pobres. Foi para as áreas de entorno das cidades, ocupando áreas de preservação permanente e áreas de risco, e gerando uma necessidade brutal de infra-estrutura.

Washington Novaes

Washington Novaes trabalhou na maioria dos grandes veículos de comunicação brasileiros. Começou como revisor em 1957 na antiga *Folha da Manhã* (hoje *Folha de S. Paulo*). O seu currículo inclui passagens pelo *Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, revista *Visão*, *Última Hora* e *Rede Globo*, onde foi por vários anos editor-chefe do *Globo Repórter*. Em Goiânia, onde reside, dirigiu durante um ano e meio o jornal *Diário da Manhã*. Foi secretário do Meio Ambiente em Brasília, no primeiro governo de Joaquim Roriz. Atualmente é supervisor do *Repórter Eco* na *TV Cultura* de São Paulo, onde produz documentários e faz comentários. Trabalha como consultor da ONU nos relatórios sobre desenvolvimento humano e foi consultor do relatório brasileiro sobre a biodiversidade.



fotojornalismo

Tribuna do Paraná manipula imagem, denuncia a Arfoc

A *Tribuna do Paraná* manipulou digitalmente uma foto do jogo Paraná e Coritiba, no Estádio Durival de Brito, pelo Supercampeonato Paranaense, na primeira página da edição do dia 27 de maio. A denúncia é feita no site www.arfoc.org, da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná (Arfoc/PR). No mesmo site, a Arfoc publica uma foto semelhante, que saiu no mesmo dia no jornal *Lance!*, sem manipulação, e compara as duas imagens. O autor da foto da *Tribuna do Paraná* é o repórter fotográfico Hedeson Silva e o do *Lance!* é o repórter fotográfico Denis Ferreira Netto.

“Foi o lance mais expressivo do jogo e os dois jornais, por coincidência, usaram a mesma imagem, o que raramente acontece. Mas a *Tribuna* trocou a legenda da placa da *Gazeta do Povo* pelo título do seu jornal. Considero absurda a manipulação de uma imagem. Faço parte do Conselho de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e não posso ficar calado”, afirma Denis Ferreira Netto, que também é repórter fotográfico de *O Estado do Paraná*, que com a *Tribuna* faz parte do Grupo Paulo Pimentel.

Segundo Denis Ferreira Netto, não é a primeira vez que a *Tribuna* faz esse tipo de manipulação da imagem. “Ela tira ou coloca a bola ao seu bel-prazer, como já aconteceu em lance de disputa entre dois jogadores. A expressão dos atletas era muito boa, mas, por azar, a bola não apareceu no lance. Então foi usado o recurso do Photoshop para colocar a bola na foto. Isso caracteriza manipulação de imagem”, afirma.

Denis Ferreira Netto explica que os dois repórteres fotográficos estavam um ao lado do outro e tiraram a foto no mesmo instante. “O *Lance!*, como é natural, publicou a foto com a placa da *Gazeta* ao fundo, enquanto a *Tribuna* substituiu o título do jornal concorrente pelo seu. Mas não existe no estádio da Vila Capanema nenhuma placa da *Tribuna* neste local do campo ao lado do gol”, observa o repórter fotográfico.



Lance do jogo Paraná x Coritiba, foto de Denis Ferreira Netto



A imagem manipulada, publicada pela *Tribuna do Paraná*, foto de Hedeson Silva

“Se um jornal grande manipula uma foto, imagine o que pode vir a acontecer com as imagens nos jornais de bairro”, indigna-se Denis Ferreira Netto. “Isso já foi feito pela *Gazeta do Paraná*, que deletou o governador Jaime Lerner da imagem, um caso que teve muita repercussão e até processo. No caso da *Tribuna do Paraná* não vai acontecer nada, mas o jornal fica informado de que repórteres fotográficos e jornalistas estão de olho em todos os jornais.”

Denis comenta que uma banca do centro da cidade expôs os dois jornais no dia da edição e colocou a pergunta: “Qual será a foto verdadeira?”, atraindo a atenção de muitos curiosos, devido à semelhança das imagens. “Os leitores queriam saber qual era a verdadeira. Poderia até ser feito o jogo dos sete erros”, gracinha.

Segundo a Arfoc, os jornais têm a responsabilidade de divulgar a informação correta e manter uma postura ética em relação às imagens que publicam. “Caso contrário, saem perdendo o autor da obra, o anunciante e também o leitor, que é enganado pela informação publicitária falsa”, argumenta a associação.

Edgar Roskis, professor de comunicação na Universidade de Paris, afirma que usar normalmente um programa como o Photoshop para compensar as perdas técnicas de qualidade e retrabalhar uma imagem, para cortar o que não convém ou realçar o que traz benefício coloca um problema ético, político e jurídico. Segundo ele, isso traz um descrédito ao instantâneo em particular e à informação em geral.

Em seu site, a Arfoc lembra que constitui violação dos direitos do autor, ao usar a fotografia, deixar de mencionar o nome do autor. Nesse caso, além de responder por danos morais, quem publica a foto está obrigado a divulgar o nome do seu autor. E menciona o artigo 25 da lei 5988, de 1973, que garante ao autor o direito de ter o seu nome citado todas as vezes que a fotografia for publicada, além de adquirir o direito a um novo pagamento pela reutilização. Na venda para terceiros, o autor tem direito a 50% do valor.

Outra violação dos direitos do autor é, segundo a Arfoc, interferir na fotografia vazando letras, amputando, alterando, manipulando, acrescentando ou suprimindo através de qualquer processo sem a autorização do autor. Destruir negativos também é um ato criminoso, independente de qualquer argumento. Além de ferir a legislação, provoca danos à memória do país. Da mesma forma é crime negar o crédito através de manobras, creditando-se a procedência da foto a entidades, banco de dados, setor de divulgação ou arquivos.



delegacia do sudoeste

Economia é tema de encontro de comunicação em Pato Branco

Uma relação fundamental entre o jornalista e a economia é a ética. “A ética deve estar presente em toda a atividade do jornalista especializado em economia. Não é a faculdade que ensina a ele a ser ético. Ela depende da formação de cada profissional.” A afirmação foi feita pelo jornalista Ubirajara Alves, secretário de redação da *Gazeta Mercantil* em Curitiba, num encontro realizado em Pato Branco que envolveu estudantes de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e Publicidade e Propaganda, jornalistas, economistas e empresários da região Sudoeste do Paraná.

Ubirajara Alves disse ainda que o jornalista deve ter uma relação profissional com a fonte, sabendo avaliar o tipo de informação que ela repassa, pois quando a notícia vem à tona, verdadeira ou falsa, provoca uma reação. “A relação com a fonte deve ser de confiança e respeito. Mas o profissional também tem compromisso com o leitor, e não pode deixar que outros interesses interfiram nos dados que colheu”, analisou.

Segundo o secretário de redação da *Gazeta Mercantil*, o jornalista deve conciliar ética, dedicação e isenção. “Há muita responsabilidade no informar e a essência do trabalho jornalístico é bem informar. Ao buscar o furo, o profissional deve estar seguro da informação”, indicou. Ubirajara Alves também ressaltou

A relação com a fonte deve ser de confiança e respeito. Mas o profissional também tem compromisso com o leitor, e não pode deixar que outros interesses interfiram nos dados que colheu

Ubirajara Alves, secretário de redação da *Gazeta Mercantil* do Paraná

que são poucos os jornalistas que se interessam por economia e, por isso, são muito procurados. “Todo jornalista deveria ter conhecimentos básicos de economia, pois ela interfere no dia-a-dia das pessoas”, observou.

No mesmo encontro, Gilcindo de Castro Neto afirmou que no mercado atual não existe sorte ou azar, e sim falta de conhecimento e informação. “Quem tem sai na frente”, destacou. Gilcindo é economista e consultor do Sebrae-PR (Serviço de Apoio à Pequena Empresa do Paraná) e representante da indústria de fogões Atlas. Ele considerou que a informação econômica deve ser vista como um todo, aliando dados da macro com a microeconomia. “O empresário não deve ver apenas a manchete, mas o que está por trás dela. Ele deve focar todo o empreendimento”, frisou.

O encontro, que visou a relação entre a produção jornalística na área econômica e o universo empresarial, foi realizado no anfiteatro da Fadep (Faculdade de Pato Branco), no dia 21 de junho. Os trabalhos foram organizados pelo curso de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo da Fadep e pela delegacia regional do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, com o apoio do Sebrae-PR. Dois encontros semelhantes a este já foram promovidos na cidade, um sobre comunicação e saúde e outro focalizando a política.



EXTRA PAUTA - Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - nº 59 - maio/junho/julho-2002-15



imprensa no paraná

Fazendo o controle de qualidade

Walter Schmidt chega   *Gazeta do Povo*  s 8h. Todos os dias, faz uma avalia o da qualidade jornalística da publica o: o que o jornal deu bem, o que não publicou, onde furou e onde foi furado. Aborda o enfoque das notícias, examinando se a *Gazeta* deu em determinados temas um enfoque mais correto ou menos correto. Analisa a técnica jornalística, verificando se o jornal está produzindo as notícias dentro da melhor técnica, se o *lead*   bom. L  texto por texto, com todos os seus componentes: título, gravata, olho e legenda.

Antes de Schmidt chegar   *Gazeta*, uma primeira avalia o do jornal   feita por estagiárias do curso de Letras. Elas chegam ao jornal   meia-noite e buscam erros gramaticais e de padrão (a *Gazeta* adota o Manual de Reda o do *Estado de S. Paulo*). Observam, do ponto de vista do manual, se o número foi escrito por extenso ou em algarismo, e outras normas tradicionais. E todos os dias emitem uma avalia o gramatical e de padrão de estilo do jornal.

Essa avalia o   colocada diariamente num mural e os jornalistas que produziram matérias v em como o seu trabalho foi avaliado. Todos os erros são apontados em um exemplar do jornal. "Hoje o jornal está com muitos erros", avalia Schmidt. A maior parte desses erros se refere a concordância, pontua o, ortografia, regência e crase. A meta da *Gazeta do Povo*   chegar a 0,5 erro por coluna todos os dias.

A idéia do controle da qualidade do jornal, do ponto de vista gráfico e editorial, surgiu na *Gazeta do Povo* após a implanta o do novo projeto, em 1999. Os consultores da Universidade de Navarra, que elaboraram o projeto, estiveram em Curitiba e definiram o modelo gráfico e editorial. Quando ele ficou estabelecido, Walter Schmidt o apresentou e explicou a cada jornalista e em seguida foi feito um treinamento com os profissionais da reda o.

O primeiro passo do controle da qualidade foi a implanta o da avalia o diária, que no início era feita por outros jornalistas, até ser assumida e institucionalizada por Walter Schmidt. No início do ano passado, ele foi fazer curso de p s-gradua o em Portugal. Reassumiu no jornal em março deste ano e voltou para a mesma  rea. Nesse meio tempo, a empresa implantou o levantamento de erros, feito por estagiárias do curso de Letras, que complementa o controle de qualidade.

Condi es essenciais

Em seu trabalho diário como coordenador de qualidade, Walter começa examinando a notícia para ver se falta nela alguma de suas condi es essenciais. Verifica se os títulos estão corretos e se sustentam, se dizem uma coisa e a notícia outra. V  se a foto   adequada   notícia e não está distante do texto, se a legenda   bem feita, se as fotos identificam bem as pessoas. Analisa desde as manchetes até as pequenas notícias. Observa a questão  tica, se por exemplo o repórter está chamando alguém de marginal, acusando pessoas sem que haja uma sentença condenatória. Checa informa es para ver se o jornal está dando informa es erradas.

Durante a Copa do Mundo, a *Gazeta* informou numa chamada, em primeira página, que o Brasil jogaria na-

Elton Damásio



Walter Schmidt avalia todos os dias a qualidade jornalística da *Gazeta do Povo*

quele dia, quando o jogo seria no seguinte. "  um erro de informa o", comenta Schmidt. Outro erro   situar uma cidade no sudoeste do estado quando ela fica no sudeste. Schmidt checa os infográficos, para ver se correspondem ao que está escrito e se acrescentam informa o. Muitas vezes, eles são repetem o que está no texto.

Schmidt avalia editoria por editoria, mostrando os pontos positivos e negativos. Observa o português, e às vezes indica a falta de uma vírgula esclarecedora no título. Aponta o que falta   matéria e anota o uso inadequado de palavras. Todos os dias, além dos problemas de português, comenta frases com erros.

Sempre há um tema de reflexão. Em uma das avalia es diárias, lembrou que, assim que o *USA Today* foi lançado, em um de seus primeiros números deixou claro que, no jornal deles, os jornalistas trabalham para que o leitor não tenha trabalho ao ler o jornal. A informa o deve ser clara, completa e precisa, para que o leitor não precise recorrer a outras fontes para completar o que o diário publicou. No final do mês, avalia algumas questões que apareceram nos últimos trinta dias e faz o comentário do mês. Apresenta o significado correto das palavras. O documento fica circulando o mês inteiro. Nesse meio tempo, ele se reúne com o pessoal e conversa.

Um trabalho de formiga

"O importante   que nenhum desses relatórios tem caráter punitivo ou coercitivo", comenta Schmidt. "Ninguém   punido por errar mais. O objetivo   fazer com que cada um trabalhe para melhorar o jornal, em todas as áreas. Ninguém deve ficar constrangido por errar mais ou menos. O que se percebe em tudo isso   que a qualidade do jornal tem melhorado.   um trabalho lento, de formiga. Já promovemos cursos de português e técnica de reda o, na área de qualidade, e planejamos

outros. Também estamos pensando em montar um laboratório de texto", anuncia.

Quando Walter Schmidt termina a avalia o, o restante do tempo fica trabalhando com os editores. "  um trabalho formal. Converso com um jornalista, apontado pelo editor, que tem alguma dificuldade em montar o texto, e passo a trabalhar com ele. O material de avalia o e controle serve de subsídio para o pessoal da reda o cobrar a qualidade do jornal. A dire o da reda o começa a apontar os casos em que se deve cobrar mais e as áreas que precisam de mais apoio."

Consciência profissional

A avalia o não mostra somente os erros, mas também os acertos. Ela recomenda os bons textos que devem ser lidos. "  um trabalho muito interessante. Estamos cuidando do aprimoramento do futuro do jornal no suporte papel. Nesse trabalho, a gente percebe que o jornal   feito cada dia com um pouco mais de cuidado. A única área em que não atuo   a opinião e as colunas de opinião", diz Walter Schmidt.

"Há jornalistas que têm tendência a editorializar a matéria. Na avalia o chamamos a aten o se a matéria está sendo editorializada, quando deve ficar nos fatos e ser objetiva.  s vezes, o texto d  apenas uma versão do fato ou não cruzou informa es. Esse conjunto de observa es vai despertando nos jornalistas a consciência profissional", observa o coordenador de qualidade.

"A avalia o sugere muitas vezes que os temas tenham continuidade, para retificar, melhorar ou simplesmente dar seq ncia", afirma Schmidt. "A suíte faz parte das notícias do dia-a-dia. Mas às vezes   preciso dar a suíte para aprofundar, retocar ou dar um erramos." O trabalho do coordenador de qualidade da *Gazeta*   parecido com o de um ombudsman interno. Ele   feito no *O Globo*, na *Folha de S. Paulo*, no *Zero Hora* e no *Estado de S. Paulo*.



própria iniciativa

Abrindo uma empresa



O grande volume de demissões nas empresas de comunicação e o número cada vez maior de profissionais lançados pelos cursos de comunicação obrigam muitas vezes o jornalista a optar por duas alternativas: abrir uma empresa ou trabalhar como autônomo. No primeiro caso, o profissional da área pode abrir uma empresa como pessoa jurídica, para prestação de serviços, assessoria ou consultoria em atividade que envolve material jornalístico (texto, revisão, foto, redação, edição).

A melhor opção é uma sociedade limitada. O jornalista precisa conseguir pelo menos um sócio e contratar um contador ou advogado, que fará o contrato social. O contador registrará o contrato na Junta Comercial, nas receitas federal e estadual e na prefeitura municipal.

Assim que a sociedade for constituída, o jornalista pode angariar trabalhos com um contrato de prestação de serviços, e não mais com um contrato de emprego. Deve fornecer nota fiscal pelos trabalhos que prestar. Os encargos tributários e previdenciários sobre o faturamento das notas fiscais são o ISS para a prefeitura (5% em Curitiba e 2% a 3% em outras cidades); o imposto de renda de pessoa jurídica, com um percentual variável, de acordo com o valor das notas (em média 4,8%); e o INSS (de 15%).

Os custos iniciais para abrir uma empresa não são elevados. Entre os serviços de um contador e as taxas é

preciso desembolsar aproximadamente R\$ 300,00. Mas o negócio tem riscos, adverte o advogado Sidnei Machado. "Se o jornalista se comprometer a fazer um tablôide

Na campanha eleitoral

O jornalista que trabalhar na campanha eleitoral deve tomar alguns cuidados, para evitar o calote:

1. fixar em contrato o preço e o prazo do pagamento antes do início do trabalho
2. no contrato devem constar todas as condições combinadas
3. o contrato é a única garantia para cobrar o valor, o prazo e outros itens

O Sindicato dos Jornalistas possui um modelo de contrato, disponível no www.sindijorpr.org.br, que pode ser utilizado pelo autônomo.

de 32 páginas, terá de fazê-lo de acordo com o pedido do cliente e no prazo estipulado." Não terá a obrigação de cumprir horário nem de ficar à disposição da empresa. "Muitas terceirizações que colocam o trabalhador totalmente à disposição da empresa, para cumprir uma pauta de trabalho, por exemplo, são fraudes perante a lei", denuncia.

Autônomo

Outra opção do jornalista é trabalhar como autônomo. É o *free-lancer* ou trabalhador independente, que segundo a lei é aquele que trabalha sem uma relação de continuidade com a empresa e sem subordinação a horário e a qualquer forma de controle. Em regra, é aquele que executa pequenas encomendas de texto e de foto, em trabalhos eventuais. "O frila fixo não existe. Um frila fixo é, na verdade, um empregado", destaca Sidnei Machado.

Neste caso, o jornalista só precisa fazer um registro como autônomo na prefeitura, e para isso deve levar o comprovante de residência. A cada trabalho prestado sobre os recibos emitidos deve pagar ISS e imposto de renda. O pagamento do ISS é anual, não sendo necessário pagá-lo cada vez.

Em ambas as modalidades de contrato é fundamental, para evitar o não pagamento (calote) ou divergências quanto às condições de trabalho, fixar em contrato o preço e o prazo de pagamento, antes do início do trabalho. Desse contrato devem constar todas as condições combinadas. O Sindicato dos Jornalistas do Paraná possui um modelo de contrato para quem quiser utilizá-lo. Segundo o advogado Sidnei Machado, são recorrentes os casos de jornalistas que fazem um trabalho sem contrato e ficam desarmados para cobrar o valor, o prazo e outros itens. "Isto é muito comum no período eleitoral", adverte.

PRpress começa a operar no Paraná

Desde junho, está operando em todo o Paraná a Agência de Notícias "PRpress", uma empresa especializada em serviços de comunicação jornalística, capaz de atender jornais impressos e demais veículos de imprensa com material noticioso diário de âmbito estadual/regional e mesmo nacional. Com oito bases nas principais cidades do estado, a PRpress atua na cobertura dos principais fatos jornalísticos de interesse para veículos de imprensa de grande, médio e pequeno porte. A agência já conta seis clientes e emprega dez profissionais.

Segundo Hermann Lima, gerente de marketing e vendas da PRpress, a empresa surge com o objetivo de preencher a lacuna hoje existente na imprensa paranaense no que diz respeito ao fornecimento de material jornalístico completo (textos noticiosos, reportagens especiais, colunas de política e geral, charges, cobertura fotográfica e variedades) para os mais variados órgãos de comunicação. "A idéia é fornecer conteúdo jornalístico para um mercado altamente especializado a um custo compatível com as necessidades desses veículos", diz Lima.

A agência conta com domínio virtual próprio na Internet. Toda a sua produção – além de informações sobre vendas, contatos e equipe de trabalho – está dis-



ponível no site www.prpress.com.br. A sede comercial, administrativa e de serviços de Webmaster (produção e atualização do site) fica sediada em Maringá. Já a redação da agência funciona em Londrina. "É uma cidade que conta com a tradição de ser celeiro de talentos no jornalismo brasileiro. Por ser referência neste aspecto, Londrina é a praça ideal para centralizar nossa produção", justifica Lima.

A PRpress dispõe também de bases fixas em Curitiba, Foz do Iguaçu, Cascavel, Maringá, Ponta Grossa, Guarapuava e Umuarama, além de colaboradores (*free-lancers*) em outras cidades de porte médio do Paraná. Os jornalistas trabalham sob acordo de cooperação e recebem pela divisão do faturamento líquido em função da produtividade de cada um.

Já assinam os serviços da PRpress o *Jornal do Estado*, de Curitiba; *O Diário*, de Maringá; *Gazeta do Paraná* e *Hoje*, de Cascavel; *Tribuna do Interior*, de Apucarana; e *Diário do Noroeste*, de Paranavá. Além desses, pelo menos doze outros jornais de todo o estado utilizam o acesso promocional para conhecer o produto.

Segundo a avaliação dos jornalistas da PRpress, inúmeras páginas presentes na Internet hoje já oferecem conteúdo jornalístico, mas seu objetivo principal é atrair um maior público de internautas em geral (*page news*). "Por sua vez, o site da PRpress deve ser prioritariamente o meio de transmissão de nosso serviço de imprensa voltado aos veículos profissionais de comunicação", explica Hermann Lima.



memória

Participando da história da Gazeta do Povo

Depois de 36 anos de trabalho na *Gazeta do Povo*, onde começou como repórter e chegou a responsável pelo conselho editorial, aposentou-se no dia 4 de junho o jornalista Antônio Nunes Nogueira. Durante todo esse tempo, Nogueira viu o jornal passar por modificações profundas com a introdução de novas tecnologias, e destaca episódios que ocorreram durante o período da ditadura militar.

Nogueira ingressou na *Gazeta* no dia 15 de janeiro de 1966 como repórter. A primeira tarefa que recebeu foi copidescar os textos do repórter de rua Moacyr Mitsuyassu. Em sua carreira passou por quase todas as funções na redação: editor nacional, chefe de reportagem, chefe de redação, diretor do departamento de jornalismo e, por último, responsável pelo conselho editorial.

Participou de todas as mudanças gráficas e editoriais da *Gazeta do Povo*, “que não foram poucas”, como ele destaca. A primeira delas introduziu a diagramação no jornal, no início da década de 70. Para implantá-la, veio a Curitiba um técnico do *Jornal do Brasil*.

Na mesma época, surgiu a *Agência JB*, primeira agência de notícias brasileira. Nogueira lembra que, naquele tempo, não havia telex na cidade. O primeiro foi instalado no Palácio Iguaçú, que fez um acordo com a *Gazeta*: o jornal podia usá-lo quando era liberado pelo Palácio. “Era um drama”, relembra Nogueira. “Era preciso ir da *Gazeta* até o Palácio, religar as máquinas do telex e fazer contato com a redação por telefone. O diagramador dava o espaço que a notícia ia ocupar e eu fazia sozinho o texto da chamada na primeira página. Isso era feito entre 20h e meia-noite. Na época, o jornal não tinha horário para sair”, conta Nogueira.

Mudanças profundas

As mudanças tecnológicas atingiram profundamente a composição e impressão do jornal. “Houve um avanço inacreditável na composição desde os tempos em que comecei a trabalhar até hoje. Atualmente tudo é feito com rapidez e facilidade. A ligação com o mundo é permanente. Naquela época o contato era por comunicação telegráfica, em código morse, ou por rádio escuta, para captar as notícias nacionais. Havia uma só agência internacional, que enviava os textos em linguagem telegráfica, com muito PT (ponto) e VG (vírgula), linguagem que o Correio usava até algum tempo atrás.”

Antônio Nogueira lembra que o primeiro fotolito em cores foi feito manualmente e ficou pronto às 2h da madrugada. O técnico demorou muito até acertar a cor. A *Gazeta do Povo* foi pioneira na América do Sul na introdução do *offset* e deu treinamento para jornalistas de outros estados do país e de todo o continente. Foi o primeiro jornal brasileiro a ter máquina de leitura ótica, que deu grande velocidade à composição. Mas ela não demorou muito tempo, pois foi logo substituída por outra

mais moderna.

Ao longo dessa evolução, Antônio Nogueira cita algumas edições que saíram da normalidade, exigindo reposição. A edição do tricampeonato do Brasil no México, em 1970, esgotou às 8h. As mortes trágicas de Ayrton Senna e Tancredo Neves, a visita do Papa João Paulo II a Curitiba e a explosão de um caminhão com dinamite no bairro do Cabral também foram acontecimentos que levaram grande número de leitores às bancas. “No caso do caminhão com dinamite só havia foto em preto e branco e foi preciso pintá-la. O resultado final ficou excelente”, comenta Nogueira. A edição da neve de julho de 1975 também explodiu em vendas.

Edições em seqüência, que tiveram uma vendagem fora do comum, ocorreram logo depois que o presidente Fernando Collor de Mello assumiu o governo e co-

dia da publicação, um general que não se identificou telefonou para o jornal de maneira agressiva, ameaçando a *Gazeta* de enquadramento por ter feito a denúncia. Eu disse a ele que fosse ao porto, onde poderia comprovar pessoalmente a veracidade da informação. O cidadão perdeu o rebolado.”

Na época da ditadura, os órgãos de segurança proibiam a divulgação de qualquer notícia desse tipo. “Insurgir-se contra o SNI (Serviço Nacional de Informações) era o mesmo que assinar o atestado de óbito”, afirma Nogueira. Na verdade, não se podia divulgar quase nada que fosse notícia. “Os jornalistas eram fonte privilegiada de informações. Recebíamos bilhetes proibindo a divulgação de fatos de que a imprensa não tinha conhecimento ou que não podia divulgar. Assim, ficávamos sabendo de uma manifestação que ocorria no Rio de Janeiro através desses bilhetes. Pena que a informação não chegasse até os leitores. Os mesmos assuntos eram proibidos em todos os jornais. Às vezes eram coisas bobas, que poderiam ser noticiadas sem nenhum problema”, observa Nogueira.

Entre a redação e a oficina sempre havia um censor, para verificar se a ordem era cumprida. Pela *Gazeta do Povo* passaram pelo menos seis censores. Eles permaneceram na redação por um bom tempo. Não se identificavam, não conversavam com os jornalistas e ninguém ficou sabendo o nome deles. Apenas diziam que eram do SNI. “Tinha-se a impressão de que eram pessoas de fora de Curitiba, que depois de executar suas funções retornavam para o local de origem”, diz Nogueira.

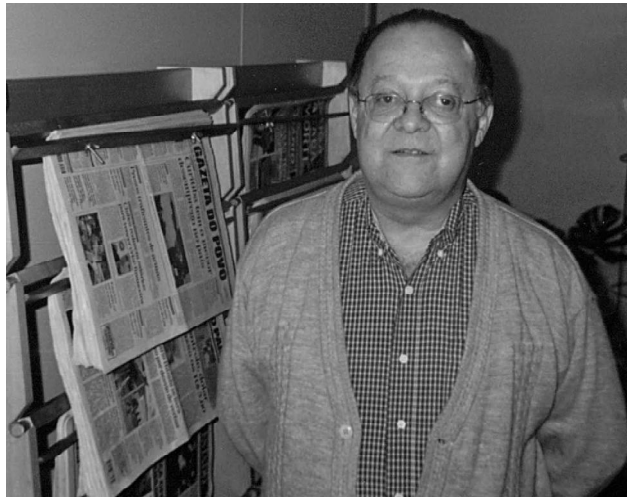
Outro fato marcante na vida da *Gazeta do Povo* foi, segundo Antônio Nogueira, a diagramação da edição do homem chegando à Lua. “Na época não se admitiam liberdades na diagramação. Foi feita uma foto de página inteira, que ficou muito bonita. O fato marcou, porque era difícil fazer um fotolito de página inteira.”

“Nos tempos idos não havia muito controle na numeração do jornal. Um dia resolvi fazer um cálculo e verifiquei que o número do jornal estava errado. Levei à direção e o jornal contratou um *free-lancer*, que fez o trabalho de conferência. Ele comprovou que o jornal circulou durante muito tempo com números errados.”

Antes de ingressar na *Gazeta do Povo*, Antônio Nunes Nogueira editou, com Rodolpho Carlos Bettegra, a *Gazetinha Turfista*, uma publicação impressa na própria *Gazeta*, porém de produção independente. Também participou da revista *O Turfista Semanal*, que editou praticamente sozinho. Passou dois anos e meio no *Correio do Paraná*, da família Ferreira da Costa. Trabalhou também por algum tempo no *Diário do Paraná*, sempre na área do turfê.

Antônio Nunes Nogueira também atuou na área sindical, tendo sido secretário do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, nas gestões do presidente Ayrton Baptista.

Silvio Rauth Filho



Antônio Nogueira participou durante 36 anos da história da *Gazeta do Povo*

meçou a editar atos oficiais de natureza econômica. “Os jornais venderam que foi um horror. As medidas econômicas modificavam tudo e afetavam a vida do dia-dia das pessoas e das empresas, e era preciso estar informado para fazer as adaptações”, lembra Antônio Nogueira.

Proibições bobas

Nogueira participou diretamente de incidentes da ditadura militar relacionados com a imprensa do Paraná. “Quando era chefe de reportagem, recebi inúmeros bilhetes proibindo a divulgação de notícias. Mas, infelizmente, não tive o cuidado de guardá-los”, conta Nogueira.

“Um episódio que me marcou ocorreu na época da Aliança para o Progresso, quando John Kennedy era presidente dos Estados Unidos. A Aliança enviou para o Porto de Paranaguá uma grande quantidade de leite em pó. Mas a carga não era liberada. Denunciamos na *Gazeta* que o produto estava se deteriorando. No mesmo



livro

Era uma vez o mundo

Em "Pequena Casa de Jornal", Nilson Monteiro faz uma viagem sentimental às pequenas coisas do cotidiano

Marcelo Lima

O livro mais recente do jornalista Nilson Monteiro, "Pequena casa de jornal" (Imprensa Oficial, 112 páginas), surpreende pela capacidade de conter, nas miudezas e nos detalhes secundários do cotidiano, uma certa dimensão épica. É como se, ao descrever a precariedade do gesto mais banal e da idiossincrasia do outro, o autor pudesse forjar uma escrita com que os leitores se identifiquem, num banquete discreto de riso, choro, indignação, fracasso e sofrimento.

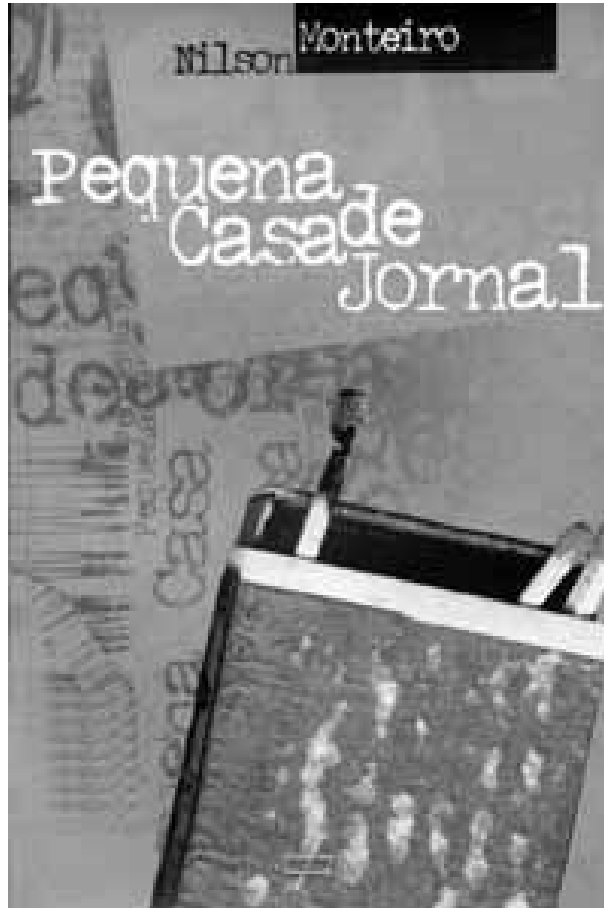
Contraditoriamente — e para a felicidade de quem corre os olhos sobre estas páginas — os textos têm um alubrimento humilde que situa o livro muito longe da aridez desinteressada das notícias e não-notícias que compõem o prato-feito da imprensa de hoje.

No lugar de, como repórter, destacar as informações objetivas que supostamente modificam os rumos dos leitores, Nilson dá vazão a um enxurro pessoal há muito deixado de lado pelo automatismo do jornalismo diário. Esqueça a credibilidade da fonte; não dê bola aos números que complementam a notícia; deixe de lado o raciocínio cartesiano de causa-conseqüência que cose a reportagem. O jogo é outro. O autor propõe uma forma diferente de inventar o real, que ao mesmo tempo é pessoal e coletiva. É como se dissesse, à guisa de epígrafe: escrevi tudo isso pensando em mim e em você, ó leitor, meu irmão, meu igual.

Ao ler "Pequena casa de jornal", tente imaginar um Nilson Monteiro cercado de amigos, na mesa do bar, contando histórias. Não se equivoque: o bar não é lugar para encher a cara, esquecer os problemas; é o espaço público de quem tem fome de convivência. O que se conta é um lenitivo: serve para lembrar o ouvinte de que ele também está vivo. Sua trajetória é feita de pequenas coisas, contadas de um jeito particular. Os movimentos da imaginação, embalados pelo espaço libertário do boteco, elevam o detalhe à reflexão conseqüente.

A liberdade da mesa é um perene ensaio: pro-

Reprodução



cura-se dar coerência às mais diversas vizinhanças, fazendo com que o narrador entre no ritmo do ouvinte mais atento e do espectador preguiçoso, sem perder a marca pessoal. Li com o mesmo prazer e interesse os textos rápidos deste livro em vários espaços: em elevadores, sob os olhos de corretores de imóveis; na paciência da fila do banco; no sofá da sala, depois de um lauto almoço de domingo — e até mesmo no interior do meu auto-

móvel, ouvindo o barulho bom do motor em viagem e a voz de alguém que quebra a monotonia do trajeto lendo trechos de livros em voz alta.

Em alguns momentos, "Pequena casa de jornal" me fez pensar num poema de Oswald de Andrade que está, se não estou enganado, em "Pau Brasil". O texto ilustra um globo terrestre desenhado por uma criança. O poema é só isto: "Era uma vez o mundo", mas pode ser lido como a defesa deliberada de uma visão particular da realidade. É como se o poeta estivesse dizendo: o mundo é aquilo que eu quero que ele seja. E, com isso, tentasse fugir da tradição realista-naturalista que imperou por muitos anos na produção literária brasileira. Oswald condiciona as formas a uma ética de liberdade que incorpora o novo e o não-civilizado.

Seria ingênuo se dissesse o mesmo da prosa de Nilson. Em alguns momentos, sua fala trilha os passos dos modernos cronistas da literatura brasileira, tributários do trovar claro de Oswald de Andrade. O que me faz pensar nos rabiscos do poema modernista é a busca de liberdade, ainda que ilusória, de alguns textos de Nilson. Existe nesses textos o impulso de ir além do detalhe descritivo e da informação ilustrativa. A referência a pequenas coisas — a morte do motorista; a paixão por Londrina; o futebol; os imigrantes anônimos; a vida e a morte dos pés-sujos da capital; a nostalgia de um Paraná que só existe na pena do autor — apenas disfarça a aspiração ao que é duradouro.

Marcelo Lima, 30 anos, é jornalista e professor

A fotografia vista por outro ângulo.



Curso de Pós-Graduação em Fotografia

Inscrições: até 6/9/2002

Início: 12/9/2002

Término: 26/7/2003

Informações:
0800 418887





LIBERDADE DE IMPRENSA

11 de setembro, às 20 horas
no TEATRO da REITORIA - UFPR
ENTRADA FRANCA

PALESTRANTES

Georges Bourdoukan - jornalista e escritor - estudioso da cultura árabe - nasceu e viveu no Líbano até os 10 anos - autor do livro "Capitão Mouro" contratado pela Rede Globo para a minissérie com roteiro de Maria Adelaide Amaral (A Muralha) e direção de Denise Saraceni.

Sérgio Feldman - Professor de História Antiga e Medieval (Tuiuti) e Especialista em Cultura Judaica

informações:

Fone: (41) 224-9296

ideia@sindijorpr.org.br

Organização:
Cida Mondini



Comunicação & Cidadania

Dias 10 e 11 de setembro
tem mais um evento :
Liberdade de Imprensa
Teatro da
Reitoria da UFPR

Responsabilidade Social

Um tema que já foi apresentado para discussão na edição passada e que continua nesta. E pretendo continuar o assunto nas próximas edições... Fiquem com a opinião de Heródoto Barbeiro:

TERCEIRO SETOR GLOBAL

O interesse das empresas em desenvolver ações no Terceiro Setor deve ser concebido dentro do desenvolvimento da economia globalizada. É uma manifestação do capitalismo do final do século XX e se iniciou a partir dos países centrais e avançados do sistema. Daí as empresas transnacionais levaram para as suas filiais no mundo subdesenvolvido e contagiaram empresas nacionais e pressionaram os governos para que apoiassem essas ações. Portanto, o solidarismo do Terceiro Setor é uma emanção do globalismo que se consolida no século atual. É verdade que paralelamente organizações humanitárias como a ONU desenvolveram ações em busca de incentivo e trabalho voluntário em todo o mundo.

Em alguns casos há uma fusão entre ações privadas no Terceiro Setor e o voluntarismo, a ponto de algumas ações se confundirem. Algumas empresas organizam os seus empregados nas suas unidades de produção e incentivam a participação voluntária casando ação social com o fortalecimento da atuação empresarial. O setor privado divulga que essas ações não têm o caráter filantrópico, mas de ações que possam estimular a sociedade a se organizar e combater os problemas sociais mais profundos. O conceito difundido é o do envolvimento comunitário e não o de simplesmente doar alguma coisa para alguém. Por isso, essas empresas se distinguem alocando recursos para financiar atividades sociais. São milhões de reais que são investidos em troca de um retorno material ou institucional. As empresas são recompensadas com o abatimento em suas despesas ou renúncia fiscal,

o que, em última análise, reforça o espírito empresarial de busca de resultados econômicos. Em suma, dão recursos com uma mão e recebem resultados com a outra. É bom não esquecer que, quando o Estado abre mão de impostos para que sejam aplicados no Terceiro Setor, é o contribuinte que paga a conta. Há quem divulgue insistentemente que o estado não tem competência para atacar os problemas sociais e, por isso, a sociedade, entenda-se a empresa privada, assume uma responsabilidade que, teoricamente, não lhe pertence. No entanto, a possibilidade de aplicar em ações sociais recursos que são do governo reforça a imagem da empresa, e o conceito de que o setor privado sabe gastar melhor o dinheiro do contribuinte do que o estado. É a retomada do conceito liberal de que o estado é “um mal necessário” e deve intervir o mínimo possível, permitindo que tudo se ajeite com “a mão invisível do mercado”. O retorno institucional da ação do Terceiro Setor se dá através da melhora da imagem junto à comunidade local, regional, nacional, ou mesmo mundial. As ricas publicações sobre esses eventos são veiculadas em todo o mundo, atingem todas as suas ramificações e são avaliadas pelo conselho gestor mundial da empresa, geralmente nos países chamados avançados. A orientação parte dos *boardings* e é semelhante em todo o terceiro mundo.

É uma disposição do neoliberalismo para as populações para que se organizem e consigam melhorar seus padrões sociais, até mesmo para que se constituam em mercado consumidor dos produtos que essas empresas produzem. É uma reprodução nos países periféricos do modo de vida dos países centrais.

Algumas empresas caíram na tentação de transformar essas ações em estratégias de marketing e

investiram muito mais recursos na divulgação dessas ações do que propriamente nelas. Outras chegaram mesmo às raíais da publicidade. Outras ainda treinam os seus executivos para divulgar que essas ações culturais, sociais, ambientais, constam dos rótulos de seus produtos. A reação de setores da opinião pública tem redirecionado a imagem dessas empresas quando atingida por críticas.

As ações do Terceiro Setor têm provocado reflexos sociais e tendem a se expandir nos próximos anos, na medida em que se aprofunda o inter-relacionamento econômico do mundo e a aceleração provocada pelas novas tecnologias informáticas, eletrônicas e cibernéticas. Cabe à sociedade avaliar criticamente essas ações, até mesmo como forma de diminuir os grandes espaços existentes entre os diversos extratos sociais.

A análise da atuação das empresas, comunidades, ONGs, governos e outros grupos que agem socialmente não pode ser descontextualizada das profundas transformações infra-estruturais que o mundo sofre sobre o impacto da terceira onda e da interação entre economia e tecnologia. O motor da história é a economia. Contudo, ele funciona com um combustível composto de todos os outros agentes que compõem a sociedade humana, longe portanto de qualquer determinismo. É a partir dessa perspectiva que se pode julgar se essas ações são benéficas ou apenas equivalem a uma pálida tentativa de minorar as desigualdades.

Heródoto Barbeiro, apresentador do Jornal da TV Cultura, Jornal da CBN, articulista do Diário de São Paulo, America On Line e Revista Imprensa, Gerente de Jornalismo do Sistema Globo de Rádio São Paulo.

Quem desejar maiores informações ou quiser acrescentar sugestões e críticas, envie e-mail para:
Cida Mondini - ideia@sindijorpr.org.br
Projetos de Comunicação.



rádio corredor

Ari Ignácio de Lima, que assumiu a coordenação de jornalismo da TV Sudoeste, e José Carlos Tumeleiro, repórter cinematográfico da TV Sudoeste, embarcaram dia 1º de junho para a Europa. Eles integraram uma comitiva da Faep (Federação da Agricultura do Estado do Paraná) formada por agricultores e lideranças do sindicalismo rural que foi conhecer o sistema de produção agrícola da Espanha, França, Alemanha e Itália. Na Itália os dois repórteres visitaram o frei Nelson Rabelo, ex-diretor da TV Sudoeste e Rádío Celinauta, de Pato Branco. Frei Nelson, que é jornalista, trabalha na Rádio Vaticano.

Leandra Francischett, do Jornal de Beltrão, iniciou em maio curso de pós-graduação em moda. Ela está cursando a especialização em Londrina. As aulas são aplicadas a cada 15 dias.

Cláudio Seto e Maria Helena Uyeda lançaram no dia 18 de junho, na Secretaria de Estado da Cultura, *Ayumi - Caminhos percorridos*, publicado pela Imprensa Oficial do Paraná. A obra, com 358 páginas, consumiu dez anos de pesquisas em jornais e arquivos públicos, e contém entrevistas com pioneiros. A maioria dos fatos tem relação com São Paulo e o Norte do Paraná.

A jornalista Giovana Madalosso está feliz com o prêmio que ganhou no Festival de Cannes, um dos mais importantes do mundo. Redatora da agência de propaganda paulista DPZ, o anúncio que ela redigiu para a Lego foi um dos premiados no festival. Antes de mudar para São Paulo, Giovana trabalhou na Propeg, em Curitiba, e passou uma temporada nos Estados Unidos.

Dando seqüência ao projeto fotográfico Retratos da Fronteira, o fotojornalista Fabrício Azambuja (fabricio.azambuja@bol.com.br) inaugurou um site sobre o seu trabalho como repórter fotográfico da sucursal da Folha de Londrina em Foz do Iguaçu. O endereço é www.retratosdafronteira.com. O projeto teve início com a exposição na Praça das Nações, em maio passado. Na segunda quinzena de julho, a mostra foi exibida no câmpus da Unioeste de Foz de Iguaçu, de 5 a 10 de agosto, na Faculdade União Dinâmica Cataratas.

Toni Casagrande, da rádio CBN-Curitiba, lançou no dia 25 de julho o livro "Ánima - A clonagem e a busca da vida eterna". O lançamento, da Juruá Editora, ocorreu nas Livrarias Curitiba Megastore Shopping Estação. O jornalista se preocupou em produzir uma obra que leve as pessoas a refletir sobre as criações da ciência, num projeto que procura associar ficção científica e literatura.

O Shopping Curitiba recebeu, no dia 7 de

agosto, o Prêmio Aberje Sul de Comunicação Empresarial. O trabalho premiado foi o Curitiba News - informativo dirigido aos lojistas do Shopping -, na categoria Boletim Interno. É a primeira vez que o empreendimento, que possui seis anos de idade, recebe um prêmio da mais reconhecida associação do setor, no Brasil.

Já a Central Press recebe o terceiro Prêmio Aberje dos quatro anos de história da empresa curitibana. No ano passado, foi premiada como melhor assessoria de imprensa e informativo externo e, agora, com o boletim interno.

O prêmio foi entregue aos jornalistas Lorena Nogaroli e Claudio Stringari e ao gerente geral do Shopping Curitiba, Carlos Torres (foto), pelo presidente executivo da Associação,



Juliana Biancato

Paulo Nassar, e integrantes da comissão julgadora regional.

No "Jornadas de Meio Ambiente para Jornalistas", promovido pela Rede Verde de Informações Ambientais em 6 de julho no Shopping Novo Batel, a jornalista Teresa Urban lançou o livro *Em outras palavras*, guia básico para profissionais de comunicação com definições, dados e leis relacionadas com o meio ambiente. O livro foi distribuído gratuitamente aos participantes do encontro.

Os jornalistas Walmor Marcellino e Nelson Padrella participaram no dia 26 de julho, no Mega Store Guerreiro, do lançamento com coquetel do livro de poesias *Últimas Palavras*, com mais nove escritores paranaenses. O evento faz parte da I Reunião de Poetas do Sul.

Em junho, estiveram em Curitiba o jornalista Paulo Duhner e a escritora Jussara Rodrigues, da Câmara Rio-Grandense do Livro. Eles realizaram um encontro no Mabu Hotel com jornalistas e escritores paranaenses, convidando-os a participar da tradicional feira de livros que se realiza em novembro em Porto Alegre.

O novo editor do primeiro caderno da Gazeta do Povo é Franco Iacomini, ex-Veja. Ele assumiu o posto no início de junho. Os dois antigos editores do caderno, Martha Feldens e Giovani Rodrigues, pediram demissão quase ao mesmo tempo do jornal. Martha foi para a Fundação Cultural de Curitiba e Giovani para a Ocepar. Já Nádia Fontana passou a editora dos cadernos de Esportes e Brasil.

Dimitri do Valle foi contratado pela Gazeta do Povo para fazer reportagens especiais sobre a cidade e o estado.

Érica Busnardo e Aniela Almeida, ambas funcionárias da Gazeta do Povo, trocaram de posto recentemente. Érica, que trabalhava no caderno de notícias nacionais, em Curitiba, foi ser correspondente em Ponta Grossa, onde mora seu marido. Aniela, que estava em Ponta Grossa, veio para Curitiba. Está trabalhando no primeiro caderno. Érica, aliás, está grávida de seu segundo filho.

José Carlos Fernandes, ex-editor do Caderno G, foi promovido a coordenador de cadernos da Gazeta. Com isso, fica responsável não só pelo G mas por Gazetinha, Automóveis, Turismo, Viver Bem, Bom Gourmet e Fun. Paulo Camargo, que havia se afastado do jornal por um ano e meio para fazer mestrado na Escola de Cinema da Universidade de Miami, reassumiu como editor do Caderno G.

O jornalista Arnaldo Friebe, editor de imagens dos telejornais da Rede Paranaense de Comunicação, está trabalhando com seu irmão, o ator e cineasta Paulo Friebe, no curta-metragem *Cachorro Não, Chichorro!*, em homenagem ao escritor e ilustrador curitibano Alceu Chichorro. A maior parte das imagens do curta, do qual participam atores paranaenses consagrados, já foi rodada num dos salões da sede principal da Sociedade Clube Thalia e na Universidade Federal do Paraná. Falta ainda a produção da seqüência final, uma animação envolvendo o traço e personagens criados por Chichorro. O curta só deve ser lançado nos primeiros meses do próximo ano.

Leandro Taques, ex-Folha de Londrina e editor gráfico do Extra Pauta, retornou do Afeganistão e do Paquistão, onde colheu mais de mil fotos das conseqüências da guerra contra o terrorismo empreendida pelos Estados Unidos. Leandro pretende publicar as fotos em livro e abre "Olhares", exposição fotográfica, no dia 9 de setembro, às 20h, na Pinacoteca do Clube Curitibano. São trinta imagens que retratam o povo da região.

(Colaborou Rogério Galindo)

Falecimento

Foi sepultada no dia 7 de julho, em Ponta Grossa, a jornalista Giovanna Buhner do Nascimento, de 26 anos, filha de Swami Ferreira do Nascimento e Sirlei Buhner do Nascimento. Giovanna morreu em conseqüência de uma crise de pancreatite aguda hemorrágica, doença que foi diagnosticada em setembro do ano passado. A jornalista trabalhava na assessoria de comunicação da Caminhos do Paraná, empresa concessionária de pedágio nas rodovias do estado do Paraná, tendo atuado antes em televisão em Ponta Grossa.



aposentadoria

Ações contra o INSS

Jornalistas aposentados que têm alguma diferença de reajuste a receber, em decorrência de repasses irregulares feitos pelo INSS para os seus beneficiários, podem entrar com ações contra o instituto para rever e recuperar seus benefícios. Os valores a serem recebidos dependerão do tempo de aposentadoria e do valor do benefício. Assim, quem está aposentado há doze anos pode mover contra o INSS quatro ações judiciais; quem está aposentado há nove anos pode mover três ações; e quem está

aposentado há cinco anos pode mover duas ações.

O processo que tramitará junto à Justiça Federal levará, em média, de oito meses a um ano para o efetivo pagamento dos reajustes dos benefícios, que são o aumento real e os respectivos atrasados. Os interessados não terão custo algum para ajuizar essas ações. Só pagarão ao advogado 20% sobre os valores que vierem a receber a título de honorários por ocasião do pagamento da decisão judicial.

novos convênios

LILI & MARIA CAFÉ LUSO-BRASILEIRO

Desconto de 10% para jornalistas
Segundas das 11h às 18, de terça a sexta, das 11h às 19h, sábados 9h às 21h. Telefone: 41 3024-3155. Rua Portugal, 54 – Largo da Ordem.

Para quem está cansado das comidas *fast-food* e detesta comer todos os dias a mesma porção, agora pode apreciar uma comida saborosa, aconchegante e cardápio variado todos os dias. Os pratos são preparados sempre com os mesmos ingredientes: simplicidade, capricho e criatividade. As velhas receitas da família que estavam guardadas em cadernos ou nas memórias cheias de saudade agora ganham vez no *Lili & Maria Café Luso-Brasileiro*. A maioria dos

vegetais utilizados na cozinha vêm de pequenas chácaras que não usam agrotóxicos e são administrados pela própria família. A comida é preparada com pouca gordura, o mais natural possível. Além das refeições servidas no horário de almoço, doces, tortas e sanduíches também compõem o cardápio. São feitas entregas nas imediações.

CLÍNICA DE EMAGRECIMENTO

Dr. Talel Hadaya (CRM 10510)
Preço da consulta para filiados ao Sindicato dos Jornalistas: R\$ 25,00
Rua 13 de Maio, 336 - 5º andar - conj. 52 - Fone (41) 225-7136
Horário: 14h às 19h

oportunidades

Restaurante Ana Kater

Na apresentação da carteira de jornalista, desconto de 10% no valor da refeição para pagamento à vista. Rua Cândido de Abreu, 691 - Curitiba - PR, ao lado do Jornal do Estado. Fone 352-7079. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira, das 11h às 14h30. Buffet por quilo. O desconto não será válido para pagamento em vale-refeição. O desconto só é válido para a refeição e não inclui bebidas.

Aquática

Desconto de 50% na anuidade e de 15% na mensalidade, além de isenção do valor da matrícula, que é de R\$ 30,00. O convênio é válido para natação, musculação e hidroginástica. Rua Antônio Grade, 563, nas Mercês. Fone 335-1310.

Esquema Internacional

Desconto de 20% na matrícula para filiados do Sindicato. Cursos no exterior, intercâmbio cultural, pré-intercâmbio. Rua Dr. Faivre, 115, conj. 2 - Curitiba - PR. Fone 264-9796
esquema@esquema.com.br
www.esquema.com.br

Academia Kine

Ginástica com orientação, Nutrição e Fisioterapia. Desconto de 20%. Rua Mauá, 706B, Alto da

Glória. Fone 253-3841.

Funciona das 8h às 20h30 todos os dias.

Café Curação

Na apresentação da carteira de jornalista, não é preciso pagar a entrada. O bar funciona de segunda a sábado. Na quinta-feira, a entrada é de R\$ 5 para mulheres e R\$ 7 para homens. Nas sextas e sábados, R\$ 7 para mulheres e R\$ 10 para homens. Os preços podem mudar quando há festas especiais e outros eventos. Rua Senador Xavier da Silva, 210. Fone 224-6086. O convênio também é válido para o Curação Guaratuba, que só abre nos feriados e durante o verão.

Arns de Oliveira e Andreaza Lima

Advogados Associados
Marlus H. Arns de Oliveira - OAB/PR 19226
Escritório credenciado - Ações cíveis e criminais
20% de desconto para jornalistas sindicalizados.
Av. Cândido de Abreu, 427 - conj. 706 - Curitiba - PR - 80530-903. Fone-fax: (41) 254-1814

Academia Be Happy

Com desconto de 10% nos planos simples, 15% no plano Master e 50% na matrícula.
A Be Happy fica na Bento Viana, 609. Fone (041) 244-5219 behappy@softone.com.br

tabela de preços

SALÁRIOS DE INGRESSO OUT 2001 a 2002

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador,	
repórter fotográfico e repórter cinematográfico	1.184,63
Editor	1.539,98
Pauteiro	1.539,98
Editor chefe	1.776,95
Chefe de setor	1.776,95
Chefe de reportagem	1.776,95

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações; Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas. O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

FREE LANCE

Redação	
Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)	63,62
Mais de duas fontes:	50% a mais
Edição por página	
Tablóide	82,40
Standard	98,73
Diagramação por página	
Tablóide	41,20
Standard	56,20
Revista	30,63
Tablita / Ofício / A4	20,93
Revisão	
Lauda (1.440 caracteres)	16,58
Tablóide	34,63
Tablita	26,12
Standard	72,41
Ilustração	
Cor	98,3
P&B	65,46

Reportagem fotográfica - ARFOC

Reportagem Editorial	
Saída cor ou P&B até 3 horas	149,65
Saída cor ou P&B até 5 horas	280,95
Saída cor ou P&B até 8 horas	314,65
Adicional por foto solicitada	28,24
Foto de arquivo para uso editorial	224,78
Reportagem Comercial/Institucional	
Saída cor ou P&B até 3 horas	298,08
Saída cor ou P&B até 5 horas	530,33
Saída cor ou P&B até 8 horas	707,21
Adicional por foto	56,20

Reportagem Cinematográfica

Equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante	
Saída até 3 horas	81,97
Saída até 5 horas	131,03
Saída até 8 horas	215,35
Adicional por hora	32,73
Foto de arquivo para uso em:	
Anúncio de jornais	486,87
Anúncio de Revista e TV	524,50
Capa de Disco e Calendário	674,46
Outdoor	1033,27
Cartazes, Folhetos e Camisetas	337,22
Audiovisual até 50 unidades	711,89
Audiovisual acima de 50 unidades	à combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	412,89
Reportagem aérea internacional	à combinar
Hora técnica	65,46

Observações importantes:

A produção (filme, laboratório, hospedagem, transporte, seguro de vida, credenciamento, etc.) é por conta do contratante; Na republicação, serão cobrados 100% do valor da tabela; A foto editorial não pode ter Utilização comercial.

Mais convênios: www.sindijorpr.org.br



imagen

Fronteira de contradições

Robson Meireles

Ser repórter fotográfico em Foz do Iguaçu, na tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina, é lidar diariamente com contrastes sociais. De um lado, vários pontos turísticos, como as Cataratas do Iguaçu e Itaipu Binacional. Do outro, uma cidade com altos índices de criminalidade e problemas sociais. Essa contradição é captada todos os dias pelo repórter fotográfico Robson Meireles, 32 anos, de A Gazeta do Iguaçu. "Foz é uma grande escola, com muitas belezas, mas também com muitas cenas tristes, que precisam ser mostradas. É uma mistura de bela e horrível", conta. A imagem de criança revistada por policiais num bar da periferia, por exemplo, "infelizmente virou um fato normal", critica Meireles, que ingressou no fotojornalismo em 1986. Além de A Gazeta do Iguaçu, ele tem trabalhos publicados em O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo, New York Times e nos principais jornais do Paraná.

Atualmente, também é estudante de jornalismo, onde busca "mais embasamento teórico" à experiência acumulada desde o início na carreira no 34º Batalhão de Infantaria Motorizado (BIMtz). "Comecei aos 10 anos, como ajudante do meu pai, fotógrafo oficial do quartel. Me apaixonei e nunca mais fiz outra coisa na vida."



Criança revistada por policiais num bar da periferia iguaçuense



Tanque antimotim dispersa manifestantes que exigem renúncia do presidente Luis González Macchi, em julho, em Ciudad del Este



Crianças observam corpo de homem assassinado na Favela da Guarda Mirim, em Foz